Cinearte-Album para 1930

◈ ◈ ◈

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

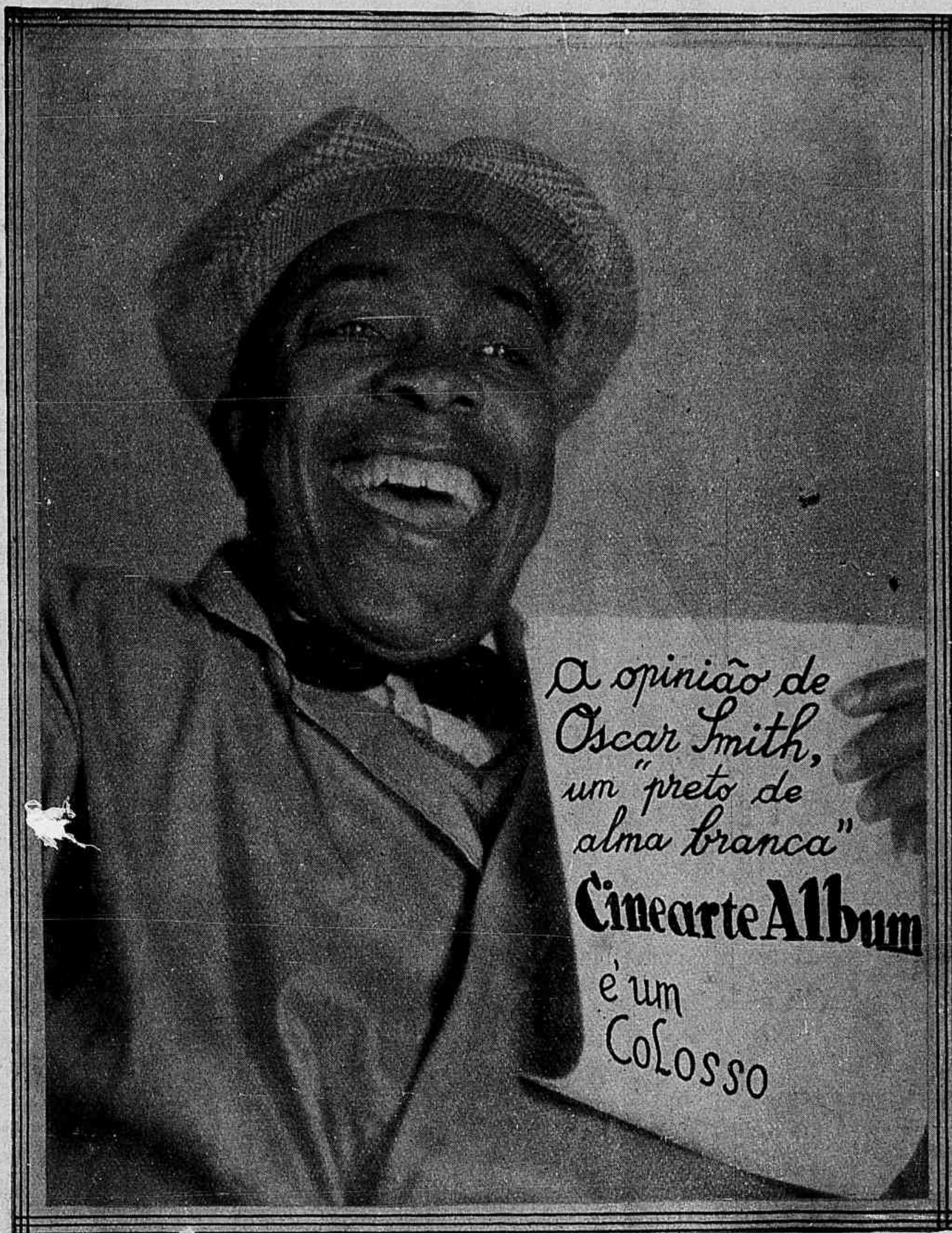
◈ ◈ ◈

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS DESLUMBRANTES

◈ ◈ ◈

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

◈ ◈ ◈

◈ ◈ ◈

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

◈ ◈ ◈

RIQUISSIMA CAPA COM GRACIA MORENA

◈ ◈ ◈

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

◈ ◈ ◈

Um Livro de Sonhos e Encantos...

A' Venda em todos os jornaleiros

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza!... O livro de WILLIAM HART... GRETA GARBO... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos. Originalidade sem par!...

Se na sua terra não ha vendedor de jornaes, enviae-nos hoje mesmo **9$000** em dinheiro, por carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do correio, para que lhe enviemos um exemplar deste rico annuario

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 -- CAIXA POSTAL, 880

RIO DE JANEIRO

"Semetrie" é um film da Paramount com Nancy Carroll, Helen Kane, Stanley Smith e Jack Oakie.

卍

Todo o film brasileiro deve ser visto.

PARA O NATAL E ANNO BOM

LINDOS LIVROS PARA PRESENTES

Lendas do Deserto — por Malba Tahan. Pelo seu valor altamente moral e instructivo, as obras deste autor pódem ser lidas por todos, indistinctamente creanças e adultos. Encadernação muito linda .... Rs. 6$000

Céo de Allah — por Malba Tahan. Encadernação a côr .... Rs. 6$000
Historias da Baratinha — 70 lindas historias Rs. 8$000
O Reino das Maravilhas — Contos de Fadas Rs. 8$000

Theatrinho Infantil — Comedias, monologos, cançonetas, etc. .... Rs. 5$000
Historias do Arco da Velha — Esplendida collecção das mais lindas historias e contos populares .... Rs. 10$000

A Arvore do Natal — ou o Thesouro Maravilhoso de Papae Noel .... Rs. 6$000
Contos da Carochinha — Contendo escolhida collecção de 61 contos .... Rs. 7$000
Historias da Avósinha — Obra illustrada com 131 gravuras .... Rs. 6$000
A Alma Infantil — Versos para uso das escolas, enc. .... Rs. 4$000
Theatro da Infancia — Original de B. Octavio. Peças religiosas, operetas, comedias, dialogos, apologos, monologos, etc. .... Rs. 3$000
Historias para Creanças — Contos tradicionaes portuguezes .... Rs. 3$500
Historias Infantis — O encanto das creanças, com 30 historias e quadros coloridos ..... Rs. 2$500
Physica Recreativa — Experiencias curiosas e ao alcance de todos .... Rs. 2$500
Canções da Escola e do Lar — Hymnos escolares, canções, rondas infantis, por J. B. Mello e Souza .... Rs. 14$000
Historia da Baratinha — e do João Ratão, em verso .... Rs. 1$500
Manual Encyclopedico — Approvado pelo Conselho Superior da I. Publica .... Rs. 9$000

Aventuras do Barão de Munckhausen .... 5$000
A Menina do Narizinho Arrebitado .... 5$000
A Caçada da Onça .... 5$000
O Marquez de Rabicó .... 5$000
As Trapaças do Capitão Farofia .... 4$000
O Circo de Escavallinhos .... 4$000
Os 3 Mosqueteiros de Páu .... 5$000
O Sacy .... 4$000
A Cara de Coruja .... 4$000
Aventuras do Principe .... 4$000
O Irmão de Pinocchio .... 4$000
O Noivado de Narizinho .... 4$000
O Gato Felix .... 4$000
Esta collecção é illustrada e encadernada, com capa a côres.

Bibliotheca da Juventude Christã

Luiz-Theophilo — A Vesperal do Natal .... 7$500
Genoveva — Eustachio — Ignez .... 7$500
A cruz de madeira — Maria — A ovelhinha.... 7$500

Collecções diversas

Historia de Joãozinho .... 3$500
A Batalha d'Aljubarrota .... 3$500
Ali-Babá e os 40 Ladrões .... 3$500
O Cavallo encantado .... 3$500
Aladino e a lampada maravilhosa .... 3$500
Sindbad, o Marinheiro .... 3$500

Todos os pedidos pelo Correio estão sujeitos ao augmento de mais 800 rs. e devem ser dirigidos á

CASA BRAZ LAURIA — RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone Norte 1968 — Rio

Almanach do O TICO-TICO

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES.

1930

CONTOS, NOVELLAS, HISTORIAS ILLUSTRADAS, SCIENCIA ELEMENTAR, HISTORIA E BRINQUEDOS DE ARMAR, E CHIQUINHO, CARRAPICHO, JAGUNÇO, BENJAMIM, JUJUBA, GOIABADA, LAMPARINA, PIPOCA, KAXIMBOWN, ZÉ MACACO E FAUSTINA

tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie **5$500** em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

PREÇO NO RIO

5$000

A' VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS DO BRASIL

NANCY CARROLL

QUEM viaja pelo interior do paiz e parando aqui, ali e além nas localidades menos povoadas vae por curiosidade de assistir a um espectaculo cinematographico é que póde avaliar do lucro que fruem os alugadores de films, as agencias que mantém "linhas" com os miseros destroços das pelliculas, as mais dellas sem nenhum valor mesmo novas que impingem á sua freguezia para gaudio da clientella paciente.

Ephemera é a vida de um film mesmo quando passado em apparelhos perfeitos. Ao fim de uma centena de exhibições a copia começa a revelar sensiveis vestigios do uso, por melhor que seja o projector, mais cuidados mereça, mais habil o operador.

Imagine se agora o que acontece com apparelhos defeituosos, anachronicos muitos, lidados por mão inexpertas, sendo que muita vez já está deteriorada a copia quando lhes toca a vez da passagem. Pobre do publico das pequenas cidades que só vê copias cheias, de remendos, riscadas, mastigadas nas quaes os quadros sáem a todo o momento da posição normal pelo dilaceramento dos bordos perfurados, com falta de legendas, uma ruina digna apenas da destruição completa e entretanto continúa a viajar por semanas, mezes e annos fazendo pingar dinheiro no bolso dos proprietarios!

E juro que a paciencia me faltaria de todo se ficasse até o fim do espectaculo.

Tenho visto nos logarejos distantes esses films.

E' uma falta de consciencia essa pratica que é de todos sem excepção e fica impune porque o pobre do exhibidor se reclama ficará privado do fornecimento.

Não diga que a culpa é destes, porque elles proprios são os causadores dos estragos, por isso que a cada um corresponde o pagamento immediato exigido pela agencia.

Nem um film, por peor que seja, dá prejuizo ao que o aluga.

Querer que uma unica copia sirva a todos os Cinemas existentes no Brasil é pretenção que só a extrema ganancia explica. Ouvi de alguns desses exhibidores queixas amargas contra esse procedimento das agencias, queixas feitas com timidez por isso que nem um delles deseja se arriscar a ter de cerrar suas portas por falta dos programmas a que sua clientella está habituada.

ANNO V
NUM. 201
1 DE JANEIRO
— DE 1930 —

A pratica de algumas das agencias de exigir de toda uma zona o pagamento de estragos, hypotheticos muita vez, cuja responsabilidade impossivel é apurar se toca ao exhibidor A, B, ou C., torna o exhibidor desconfiado de todos os seus collegas e visinhos, sem perceber que no fim de contas são todos sacrificados em proveito do unico a quem esses estragos approveitam, o locador, o proprietario do film. O espectaculo cinematographico é a unica diversão conhecida pelo interior do paiz.

Não ha logarejo que não possúa o seu Cinema.

E só isso explica a paciencia com que todos toleram a passagem pela téla de films absolutamente indignos de continuar essa circulação, tal o máo estado das copias.

Parece-me que essa pratica é má.

Não se deve confiar sempre na paciencia, na longanimidade do publico.

Um dia a casa terá de cahir. Já não é pouco ter durado até hoje. O Brasil é vasto e o numero de seus Cinemas cresce dia a dia. Porque pois não augmentar o numero das copias distribuindo-as ao mesmo tempo por zona do paiz, norte,

(*Termina no fim do numero*)

Noemia Nunes quer abandonar o nosso Cinema. Mas este poderá viver sem ella e ella sem elle?

Cinema

No Cinema Capitolio, um dos maiores e melhores Cinemas do Rio, foi exhibido de 9 á 15 de Dezembro a producção brasileira "A Escrava Isaura", da Metropole Film de São Paulo. Foi a pellicula brasileira que encerrou o nosso anno cinematographico, o mais auspicioso que já tivemos, não pelo numero de films produzidos, mas pela sua qualidade, e principalmente porque todos os onze films que produzimos, todos elles foram exhibidos. Facto nunca registrado em qualquer tempo!

"A Escrava Isaura", teve a sua estréa no Cinema Odeon de S. Paulo, onde alcançou bastante exito. O mesmo succederia aqui no Rio, se não fosse a época do seu lançamento, nada propria para exhibições de alguma importancia. Em todo caso, foi um dos films que mais successo alcançou naquella semana,... mesmo sem a publicidade avançada que tem tido os ultimos films brasileiros, preparando-lhes uma boa espectativa.

Apesar disso, a producção da Metropole, comparada com alguns outros dos nossos modernos films, apresenta duas grandes falhas: Scenario e continuidade de acção.

Não sei se o popular romance de Bernardo Guimarães, é como está o film. Nunca o li, nem tenho o menor interesse nisto. Mas a impressão que se tem, vendo o film, é que o livro foi filmado quasi que pagina a pagina. Dahi a confusão de scenas, de personagens, e muitas sequencias desnecessarias, que nada adiantam ao film e tanto prejudicam a acção.

Aliás, não esperavamos que A. Marques Filho fracassasse neste ponto, pois elle, em tempos, já escreveu para CINEARTE, a respeito de scenario, e de facto mostrou que pelo menos sabia o valor que elle representa para a perfeição de um film. "A Escrava Isaura", serve ainda para provar que em Cinema, o que tem valor para recommendar um film, não é historia, mas a forma como ella deve estar contada. Para quem reclama "assumpto" em film, ahi tem um romance, cheio de "hokum" e de situações.

E no entanto, para só citar S. Paulo, temos "Quando Ellas Querem", e "S. Paulo a Symphonia da Metropole" unicas producções paulistas que apresentaram um verdadeiro "scenario", e quasi nenhuma historia. Isto é, films de maior valor cinematico e que não chegam a cansar o espectador

No entanto, A. Marques Filho se revelou capaz de dar um ambiente que a gente sente deve ser aquelle mesmo.

Não entro em minucias para saber se o sapato de Malvina está de accordo com a época, ou se o fogão de inverno que apparece é da Europa... O que é facto é que o film apresenta um ambiente acceitavelmen-

CARMEN SANTOS E LUIZ SORÔA APPARECERÃO EM "SANGUE MINEIRO"

MARIZA TORA' TAMBEM SECUNDARA' CARMEN SANTOS EM "LABIOS SEM BEIJOS".

Brasileiro

(DE PEDRO LIMA)

te convincente. E' pena que a falta de um scenario e porque não dizer tambem, de direcção, não désse mais vida aos personagens. Não os movimentasse mais. A. Marques Filho deixa os interpretes parados muito tempo, e a maior parte do tempo a dialogar.

Parece mais a copia silenciosa de um film falado.

Depois da "Esposa do Solteiro", "A Escrava Isaura" é o film mais pretencioso que já se fez no Brasil e o mais caro. O seu custo foi orçado em cerca de cento e cincoenta contos, o mesmo da "Eposa do Solteiro", e, como neste film, ambos têm em commum a falta dos dois principaes elementos do Cinema. O scenario e um director moderno.

Porque Marques Filho como Carlo Campogalliani, sabem pôr os artistas em scena, mas não sabem movimental-os. A machina quasi não varia de angulo e a acção morre em cada sequencia, por melhor que ella tenha sido delineada.

Isto desapparecerá, se Marques Filho tiver em mãos uma historia moderna e bem scenarizada. Marques Filho precisa conhecer melhor a linguagem do Cinema, o seu estylo de narração e ter em mente ainda que Cinema são figuras que se movem.

E' preciso mantel-as sempre em movimento e principalmente quando se muda de plano, que é a continuidade de acção que o seu film não tem.

Entretanto, Marques Filho tem qualidades e póde continuar como director. E' brasileiro. Os poucos films bons do nosso Cinema, têm sido trabalho de brasileiros.

A parte photographica não está toda má, mas o film está sujo. Rossi não apresentou um trabalho á altura do que se devia esperar delle. Além disso descuidou muito o tratamento do negativo, a ponto de perder muitos metros, segundo nos imformaram.

Aliás Rossi não é um operador moderno. A sua photographia é commum, antiquada, sem arte.

(Termina no fim do numero).

NO DIA EM QUE "CINEARTE" FOI ASSISTIR A FILMAGEM DE "ESCRAVA ISAURA"

CARMEN
SANTOS

NESTE ANNO,
OFFERECERA
"LABIOS SEM
BEIJOS"...

O NOVO FILM de Carlito

Decidi ver Chaplin — diz um jornalista americano — e saber alguma cousa do seu novo film, CITY LIGHTS. Fui, então, ao seu studio.

Foi sorte minha — ou caiporismo — encontral-o desoccupado, e quando Charlie está atôa não admitte que ninguem mais trabalhe, e, quando dois desoccupados como nós se reunem, cuidam logo de resolver os colossaes problemas abertos á solução do homem religião, politica, amor e, já se vê, a Arte com A maiusculo, e é um nunca acabar.

Apezar do Gethsemane que elle tem atravessado nestes dois ultimos annos, Charlie está admiravelmente bem disposto. Os seus cabellos pretos encaneceram-no dez annos; estão de tal forma brancos, que elle é obrigado a tingil-os para a camara. Charlie vestia nesse dia calças brancas de tennis e camisa sweat da mesma cor.

Passamos toda a tarde no seu "cottage de Conferencia" e demos a lingua á vontade. Uma das persistentes manias de Charlie é que elle é um espirito profundo e acabadamente egoista, incapaz de se interessas pelo trabalho de quem quer que seja, a não ser o seu. Isso é o que elle affirma, mas, si ha qualquer coisa da minha vida de negocios ou privada que elle não conheça, é justamente o que eu duvido. Sempre que lhe falo de um artigo ou outra qualquer coisa que estou escrevendo, elle se enthusiasma pelo assumpto como um menino collegial, e não me surprehende vel-o apparecer no dia seguinte com uma suggestão a respeito. E' que dormindo pensando na coisa.

Quanto ao seu egoismo e desinteresse pelos outros... a sua propria empresa é o maior desmentido a semelhante "pose". Todo o pessoal que faz parte da sua organização, acompanha-o ha varios annos, e, si acontece algum delles tresmalhar, no correr das interminaveis atrapalhações, que o têm perturbado, acabam sempre voltando ao aprisco. A lealdade de Charlie para com as suas velhas amizades é dos mais formosos traços do seu caracter.

Chaplin num dos seus papeis de maior successo, "O Pastor de Almas"

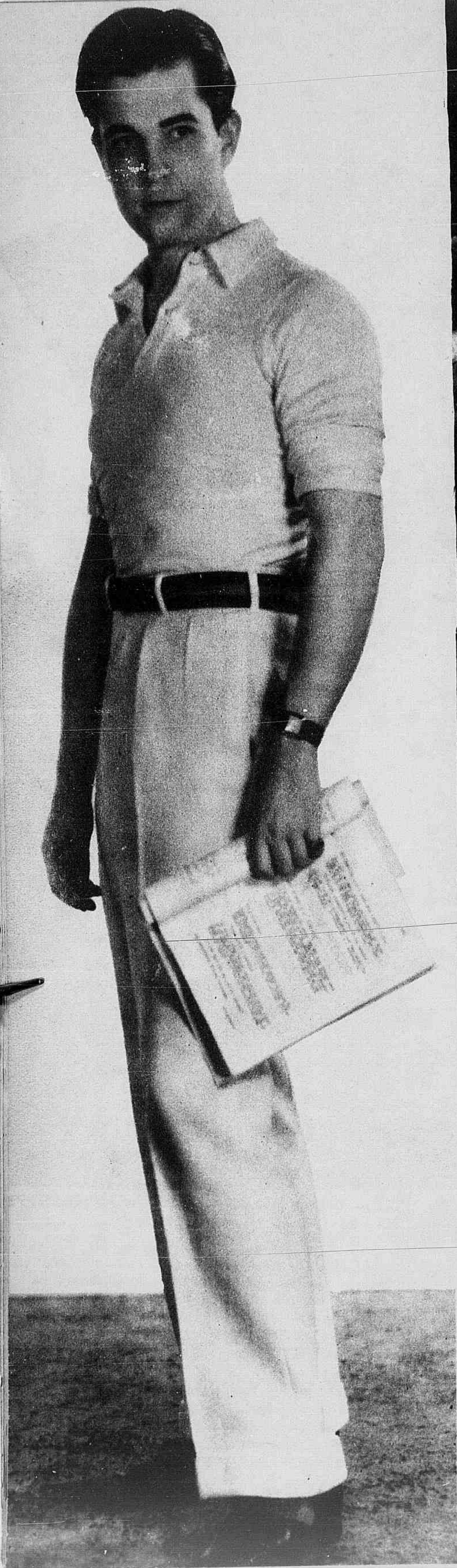
Depois de me haver exgotado em confissão acerca da minha nova aventura jornalistica, dando-me conselho sobre o capitulo financeiro, suggerindo-me planos e mais planos, acabamos, finalmente, falando do seu trabalho. A magna questão era, naturalmente, saber como encara Charlie o novo idioma — o film falado.

"Devo confessar, que os "talkies" me fascinam, me enfurecem e me atemorizam. Sem duvida, o Cinema falado é uma conquista victoriosa, mas não, segundo creio, na sua actual expressão Elle é ainda tão novo, que poucos são aquelles que se podem considerar bem informados a seu respeito, e até agora a maior parte das suas realizações são bastardias artisticas. No drama, o film falado está tentando casar as convenções do theatro com o realismo da téla, e o resultado é um filho illegitimo, bastardo."

Não tenho aqui espaço para referir ás generalizações de Charlie concernentes á questão, no seu conjuncto, assim passarei directamente ao seu proprio caso.

"Casamento excellente é o da pantomima e da musica. Nesse ponto o resultado já era admiravel, apenas até agora o mais que se conseguira

(Termina no fim do numero).

Uma montagem do seu novo film "City Lights". Ao fundo vê-se um panno a cobrir uma estatua. No film, no dia em que se desvenda esta estatua, Carlito apparece dormindo no pedestral. Esta photographia tirada por "CINEARTE é a unica publicada até agora sobre o seu film.

RAMON E MARION HARRIS EM "DEVIL MAY CAIE".

Ramon Novarro...

No mundo de Hollywood, Ramon Novarro vive como uma creatura de outro mundo.

Porque os seus desejos não são os desejos de Hollywood; os seus sonhos nada têm de commum com o que ali se sonha; deante daquillo que satisfaz a todos, elle continua o eterno sedento, o eterno favorito.

Ramon traz a musica no seu espirito e Deus no coração. Contemplando-se aquella cabeça negra, tem-se a sensação de estar vendo o capuz de um frade a envolvel-a; a sua figura suggere o odor do incenso, vozes de orgão, a imagem do Nazareno de braços estendidos na Cruz.

Musica e solidão... constituem a sua paixão, delle, que não conhece, nunca conheceu as paixões terrenas.

E no dia em que ella julgue realizada a sua obra entre os homens em que as suas preoccupações terrenas estejam satisfeitas, as suas responsabilidades diminuidas, é muito possivel que Ramon se recolha a um convento.

As profundas solicitações da sua alma são pela meditação, pelo claustro e não pelos prazeres mundanos.

Vivendo no contacto das coisas que são deste mundo, as suas experiencias participam do sobrenatural. Uma destas verificou-se nos tempos em que elle era ainda um simples extra em Holly-

RAMON E DOROTHY JORDAN NO MESMO FILM

Não conhece o Amor

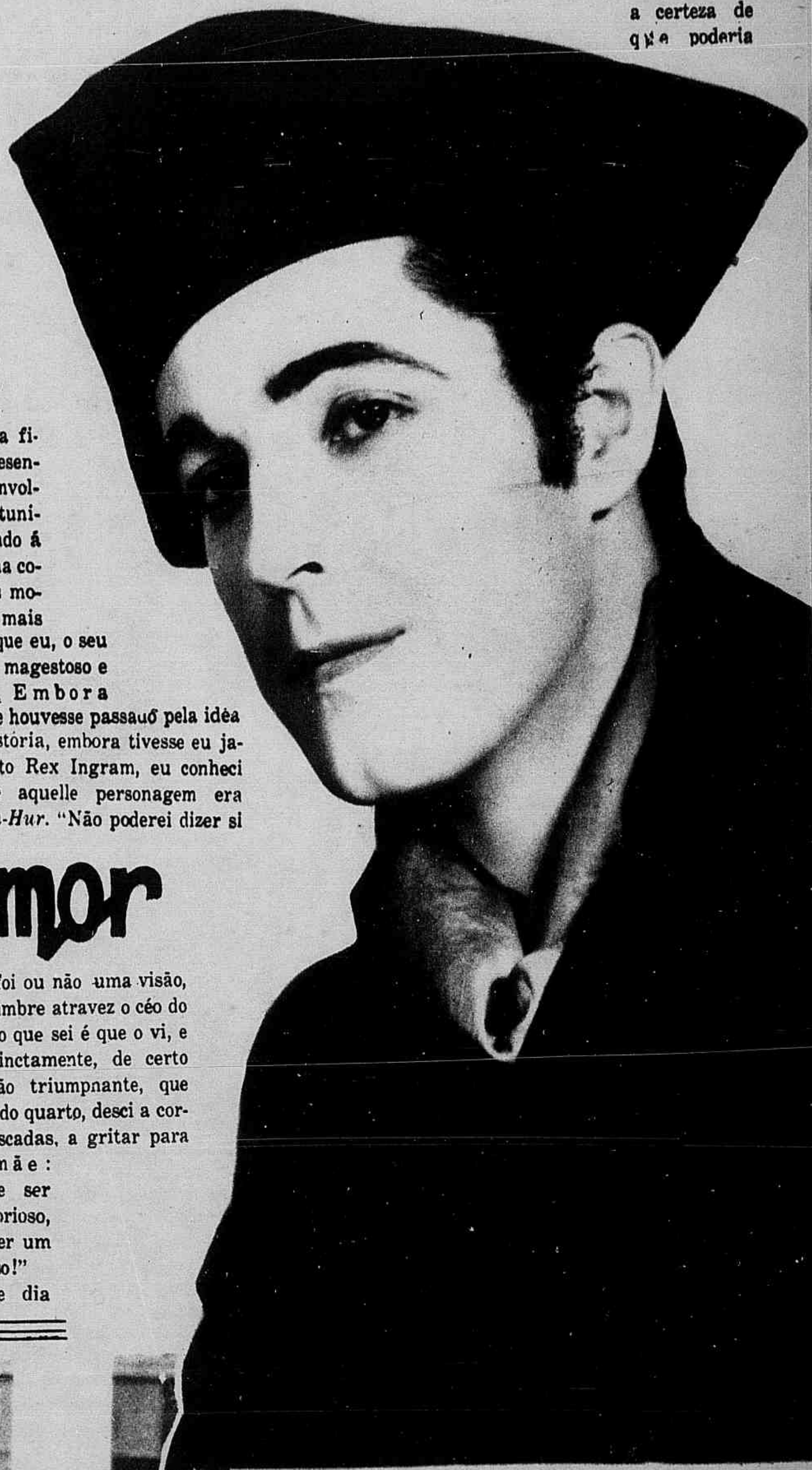
wood. E a gente deve acreditar nellas, porque Ramon é um espiritualista sincero para quem a vida é mais uma prece, a meditação do que qualquer outra coisa. Ramon trabalhava como extra, e passava a maior parte do tempo sem trabalho, com varios irmãos e irmãs para sustentar e educar, assoberbado de cuidados e responsabilidades superiores aos seus poucos annos e á sua bolsa.

Aquelle rosto pensativo, de tez pallida e morena; aquellas maneiras delicadas da velha cortezia, aquella alma banhada dos divinos effluvios da musica não haviam ainda penetrado os segredos de Hollywood. Ramon era naquelle meio como que um anjo de innocencia.

"Um dia eu me achava deante do espelho do quarto de minha mãe, exercitando-me, como de costume, em expressões physionomicas, gestos e angulos de camara. Era isso de manhã cêdo. A' luz entrava clara e viva e vivas e claras sentia eu as idéas. De repente, sem que hovesse qualquer interferencia dé minha vontade, o quarto perdeu o seu aspecto, o espelho augmentou desmesuradamente de tamanho e eu vi reflectindo-se ao meu lado, no crystal, uma outra figura — ao meu lado ou confundindo-se commigo, não sei bem dizer. Em todo caso, era um outro eu que ali estava. E a figura apresentava-se envolta numa tunica, trazendo á frente uma corôa. Mais morena e mais forte do que eu, o seu porte era magestoso e altaneiro. Embora nunca me houvesse passado pela idéa a sua história, embora tivesse eu jamais visto Rex Ingram, eu conheci que aquelle personagem era *Ben-Hur*. "Não poderei dizer si

aquillo foi ou não uma visão, um vislumbre atravez o céo do futuro; o que sei é que o vi, e tão distinctamente, de certo modo tão triumphante, que disparei do quarto, desci a correr as escadas, a gritar para minha mãe:

"Hei de ser um victorioso, hei de ser um victorioso!"

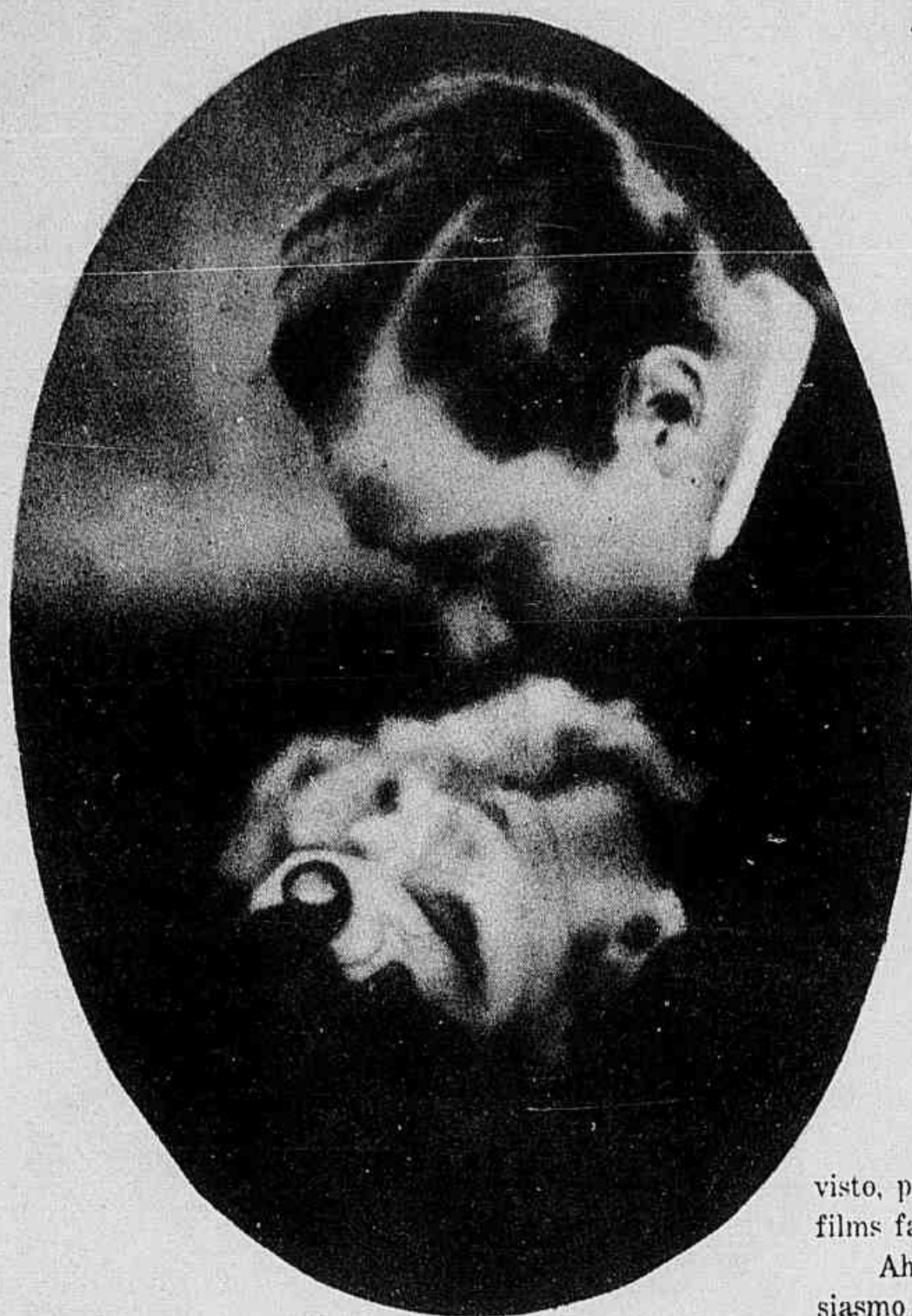
"Desse dia em diante nunca mais tive duvidas, nem preoccupações, nem receios. Tinha a certeza do successo, a certeza de que poderia

cumprir os meus deveres de assistencia á minha familia, de que estava salvo, emfim.

"Só tres dias depois foi que conheci Rex Ingram, e só mais tarde ainda foi que elle me abordou sobre a possibilidadede de fazer eu papel de *Ben-Hur*. Antes mesmo que elle abrisse a bocca, eu já sabia o que Rex ia dizer, quando, entre as suas primeiras palavras de conselho, elle me disse que eu devia desenvolver os meus musculos e o meu corpo. A figura que eu vira no espelho era mais tostada e mais vigorosa do que eu.

"Após as discussões iniciaes sobre o papel as coisas entraram a claudicar. Ninguem, a não ser Rex Ingram, me achava com cara para *Ben-Hur*. Mas nunca por um só instante eu senti qualquer duvida ou apprehensão. Eu sabia que teria de interpretar aquelle papel. Mesmo quando a companhia partiu para o estrangeiro, sem mim, para iniciar a producção; mesmo quando se falou que George Walsh havia sido con-

(*Termina no fim do numero*)

De São Paulo

(*De OCTAVIO MENDES, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE"*)

Raul Shnoor e Gina Cavalliere apparecerão em "Religião de Amor". E', vamos ver films brasileiros.

Para fechar o anno Cinematographico Brasileiro, de 1929, tivemos, no Cine Don Pedro II, o film "O Transito", comedia em 4 partes, da Brasil Ideal Film.

Tivemos, assim, o mais prospero entre os annos de Cinema Brasileiro, até agora. E isto, sem duvida, nos enche de enthusiasmo e de coragem para, assim, iniciarmos, em 1930, uma campanha verdadeira e enthusiasta pelo Cinema Brasileiro.

Autorizam-nos a tanto, a construcção do Studio das "Producções CINEARTE", os esforços de Humberto Mauro, as producções das differentes fabricas ora existentes e, para começar, segundo estamos informados, teremos, no Rio, em Janeiro, "Sangue Mineiro", da Phebo-Brasil e, aqui, "Piloto 13", da Sul America Film. Respectivamente distribuidos pelo Programma Urania e pela Paramount. Por pequenina differença deixamos de ter, este anno, ao menos 1 film por mez. O anno proximo teremos, se Deus nos ajudar, não um, mas dois ou tres. Porque, realmente, para podermos levar avante este nosso ideal, faz-se mister que lutemos com coragem e que lancemos os nossos films porque, felizmente, já ha melhor orientação nas filmagens nacionaes e o elemento ruim já não é o unico existente na praça, como era antigamente.

Acabo de assistir "Primeira Noite", um film "todo musicado" da First National, com Jack Mulhall. A coisa mais tola e idiota que já vi em materia de film. Film que teve todos os seus dialogos supprimidos, effeitos sonóros pavorosos, musica infame, technica alguma e direcção inexistente. Com um "team" destes, diante de nós, senhores productores Brasileiros, não ha nada a temer. E, felizmente, a prodcção americana já se vae fazendo cada vez menos efficiente e cada vez menos aceita pelo publico. Este film, então, pelos córtes que teve, dá saltos inacreditaveis.

Assim, com o campo desta maneira desguarnecido, podemos entrar francamente. E, se ainda coragem lhes faltar, consultem as programmações futuras e verão a sorte e a quantidade de pavores "todos musicados" que se nos estão sendo reservados...

A fita que José Pedro dirigiu, "O Transito", merece um commentario maior do que as simples e seccas palavras que escrevi acima. Aqui vae elle.

Sou pelo Cinema Brasileiro. E tenho a convicção plena de que todos os Brasileiros o são tambem. Porque não ha quem não se tenha cansado de ver bravatadas com bandeirinhas riscadas e de estrellinhas e, tambem, de ver toda a armada, exercito, corpo de aviação, etc. etc., dos yankees quando, aqui, tambem temos tudo isto e com a vantagem de ser cousa Patria! Não ha nisto, é logico, patriotismo imbecil algum e, sim, o fruto de comparações que hoje ouso fazer sobre o que elles fazem e sobre o que nós ainda podemos fazer.

O nosso primeiro film, verdadeiramente, foi "Braza Dormida". E qual o primeiro film norte-americano? Era melhor do que "Braza Dormida"? Ah! — alvitrará alguem — mas ha quanto tempo!... Sim — direi eu — é exacto. Ha muitos annos entre isto. Mas, assim mesmo, a difficuldade que encontramos hoje, para fazer um film é, sem duvida, identica á que elles encontravam quando, ha annos, davam os seus primeiros passos neste ramo. Apesar disto, sinceramente, "Braza Dormida" bateu todos os films italianos até hoje feitos e não dá mesmo confiança á innumeros films francezes e mesmo allemães que temos visto, por ahi... Para estas versões silenciosas, de films falados, então... Chi!...

Ahi está toda a demonstração do meu enthusiasmo sem par pelo Cinema da minha terra. Admiro-o. Já lhe tenho dado o meu esforço. E dal-o-hei até onde for necessario. Mas, infelizmente, ha gente, como José Pedro, que nos obrigam a fechar e amarellar o sorriso, com um film como "O Transito", a chave de..., como direi, de... de chumbo... para o anno Cinematographico Brasileiro...

Que horror! Sou pelo Cinema Brasileiro. Admiro-o. Respeito-o, já. Tenho visto, com o melhor da minha sympathia, todos os esforços feitos pelo film brasileiro. Não lhe tenho resgatado o meu apoio e o meu juizo. Mas este, infelizmente, é daquelles que deveriam descansar, pacificos e quietos, na prateleira mais escondida da agencia mais desconhecida do mundo!!! Safa!

A gente é camada. Mas não se póde dizer que "isto" é cousa que preste e nem, tampouco, que é film que mereça ser visto. Porque, quando ha ao menos uma qualidade, ella, sem duvida, encobre, quando nada, 5 defeitos. Mas "O Transito", na verdade, não tem uma qualidade só. E só agora é que vejo o quanto o Quadros é camarada e bondoso. Ou teria sido proposital? Porque ter a ousadia de lançar um film destes, num Cinema bonito e bom como o Don Pedro II, é mesmo o cumulo! José Pedro deve ter por elle um reconhecimento sem par e deve, em homenagem á este gesto cavalheireco e nobre, certamente, nunca mais pensar em dirigir um film. Deve voltar á sua profissão primitiva que, quasi poderia jurar que advinho... E, assim, não ameaçar dessa fórma o Cinema Brasileiro.

Trata-se, segundo a reclame, de uma comedia impagavel. O film, porém, narra as aventuras de dois vagabundos que vêm á São Paulo pela primeira vez. Atrapalham-se com "O Transito" e, afinal, passam uns apuros com a policia.

Francamente, penitencio-me de ter achado que "Acabaram-se os Otarios" era uma droga. Porque esta, francamente, bate todas as congeneres. Lulú de Barros, ao lado de José Pedro, é um Lubitsch!

Para não pensarem que nisto vae alguma cousa exaggerada, pergunto-vos, apenas, se aquelle negocio dos dôces com as respectivas "devoluções" não é repugnante?... E, ainda, é correcto, é decente, é bonito estar mostrando o film sob um aspecto tão deprimente? Com gente tão suja. Com aspectos tão pouco hygienicos? O Hotel Esplanada, por exemplo. Ganhou reclame com a scena que fizeram á sua entrada? Que suggere aquella scena? Com aquellas duas mulheres e com aquella sahida de ambos, bebados, do seu interior?... Aquellas corridas dos policiaes e as destes em perseguição, os pastelões, etc., são, visivelmente, o maximo da graça que José Pedro encontrou em todas as fitas norte-americanas que assistiu. E, francamente, como "professor" de arte Cinematographica deveria, por força, conhecer melhor Cinema e, principalmente, dirigir melhor os artistas...

E aquella negra que não é outra sinão o Cohen, um individuo que sempre foi "fan" de Cinema Nacional e que fez, em "Fragmentos da Vida" aquelle dono da confeitaria que tem a vitrine partida?... Que tal? Que scena! Francamente!

Sei, perfeitamente, que este film foi confeccionado com os sacrificios conjugados de Braz Mezzacapa, José Gallina e outros "artistas" da "escola". Sei disso muito bem! Mas, pergunto, é esse o sufficiente motivo para que se desculpe o fracasso lamentavel do film? Absolutamente! Talvez Mezzacapa venha a ser um bom "extra", ainda e Gallina ou Gallini, outro. Mas, por emquanto, como "parceria", são a cousa mais falha de espirito que vi até a presente data. A moda é de vagabundos. Mas será possivel que não haja alguem que mostre um film com gente ao menos soffrivelmente vestida? Os films paulistas, infelizmente, nos mostraram, até hoje, vagabundos, ladrões de gallinha, compradores de bonde, frequentadores de ferros velhos e de tinturarias suspeitas e assim por diante.

E' por essas e outras que ha muita gente que se pégа neste estribo para galgar altura e, de lá, desancar lenha sobre o Cinema Brasileiro. E, neste caso, com toda a razão.

E quando se faz um film mostrando o Brasil civilizado como "Barro Humano", dizem que o ambiente é americano... Mas, felizmente, a crise já se vae passando.

Já se vêem 6 films Brasileiros bons e 1 que não presta. A média é bem bôa. Felizmente.

Sou fanatico pelo Cinema Brasileiro. Mas ha verdades que não se pódem occultar. E esta é uma dellas.

Já que estamos no terreno das analyses, vamos considerar o que nos offerecem os productores para 1930..

O Rio nos promette "Labios sem Beijos", producção de Carmen Santos e, tambem, a segunda producção "Cinearte", "Saudade". Talvez tambem nos venham "Na Idade das Illusões" e o film de Gentil Roiz, "Religião do Amor".

De São Paulo, o encantado film "A's Armas!", além do "Piloto 13". Falando nestes dois primeiros porque já se acham promptos.

Agora, como projectos, temos o film "Rosas de Nossa Senhora", da "Astra Film", se não me engano. E, ainda, "Don Quixote de 1930", adaptação do romance de Cervantes, para segunda producção da "Sul America Film".

Francamente, na ordem em que andamos, pelo nosso Cinema, não podemos, em absoluto, supportar um recúo.

Vi, ha dias, duas photos do primeiro film, "Rosas de Nossa Senhora". Francamente, detestaveis. E' verdade que não se póde julgar um film por uma photographia de publicidade. Mas os typos que vi, no mesmo, são detestaveis. Film de costumes portuguezes. Primeiro erro. Porque, felizmente, temos 1000 e 1 themas genuinamente nossos para não estarmos a recorrer á themas estrangeiros. Depois, artistas visivelmente theatraes e contrasensos para a photogenia. Barbas postiças que mais parecem piaçabas e, ainda por cima, uma maquillagem horrenda. A direcção do film é Paschoal de Lourenço, que, segundo a noticia enviada com as photos, é a ultima palavra neste genero. Aguardemos esta producção. Póde ser. Mas os dois erros basicos já fazem prever o que será o film. Assumpto estrangeiro e artistas sem photogenia.

A "Sul America", por sua vez, no seu communicado aos jornaes, diz que vae fazer "Don Quixote de 1930", adaptação da obra de Cervantes por Arimondi Falconi, collaboração de Paulo Aumar (Arlindo Amaral), orientação (?) de Achille Tartari e

(*Termina no fim do numero*)

Merna Kennedy

MUITO BÔA... MENINA...

QUANDO LÊ "CINEARTE".

E NÃO TIROU PARTIDO DOS QUEBRADOS.

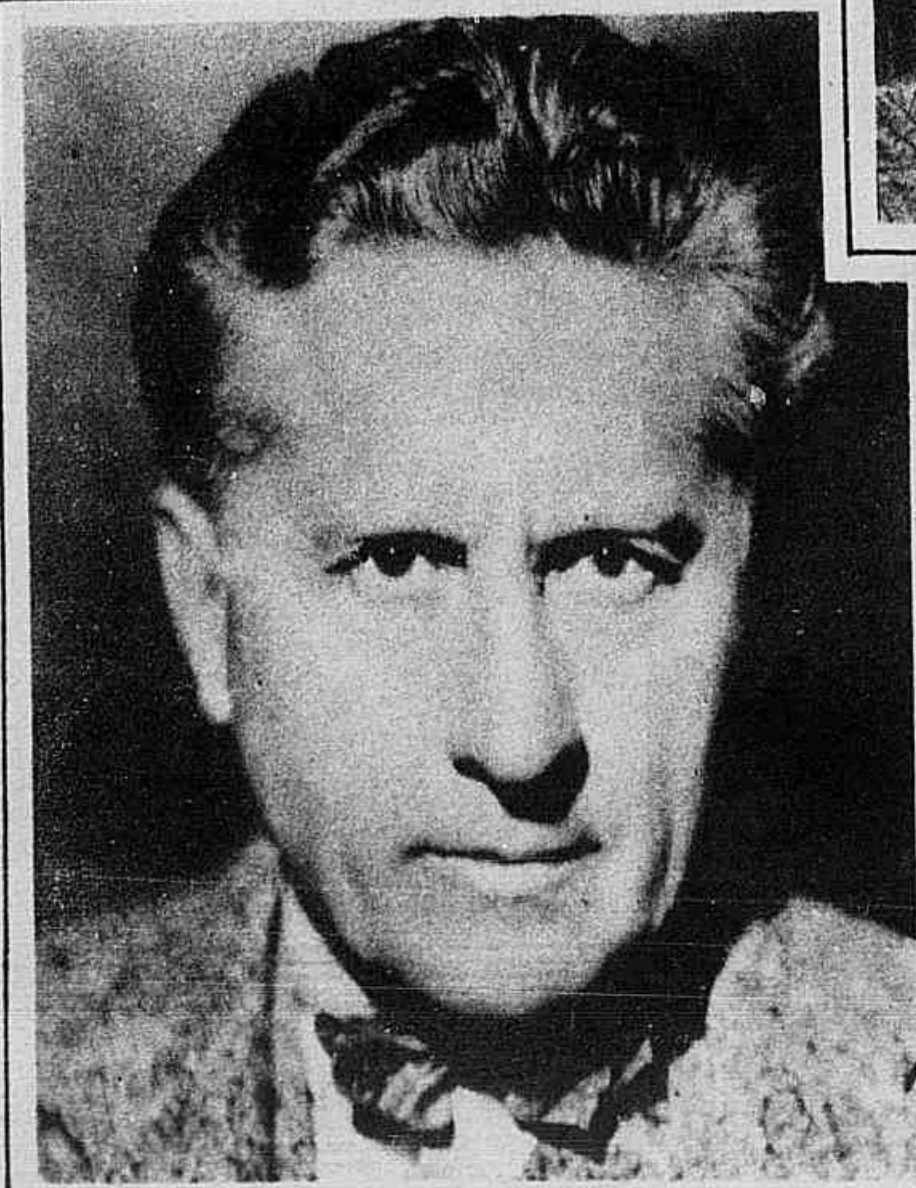
EU QUERO SER LIXEIRO!

D'aqui ha dez Annos...

KING VIDOR

"Vamos ao Cinema", dirá um de nós, uma noite, lá pelas alturas de 1939. E então subiremos ao nosso hangar particular, situado no terraço da casa, e tomamos o nosso aeroplano electrico, aproando para a cidade. Alguns instantes após, pousaremos no campo de aterissagem do palace Cinema, compramos o bilhete e entramos.

E que palacio!

Ao emmergirmos da especie de tunnel por onde se tem accesso ao interior do edificio, encontramo-nos no centro de um grande zimborio semi-circular. Em cima o ceo e em toda a volta os films em funcção, com os personagens a andar, a falar; e para qualquer lado que nos viremos vel-os-emos nesse ou naquelle ponto da enorme téla circular. As vozes são localizadas e enviadas em todas os pontos da téla onde apparecem os personagens. O auditorio figura como o centro da acção que se desenvolve em todo o mundo — já no centro de um quarteirão urbano, já em plena natureza, entre montanhas.

E as tremulantes imagens em côres naturaes com a perfeita reproducção dos sons, tornam o divertimento uma copia fiel da vida real. E' isso apenas uma simples permissão — uma das muitas — do que será o cinema dentro de um futuro mais ou menos distante.

No entender de varios dos mais celebres directores, é um tanto difficil preve-se exactamente qual será a evolução do cinema falado — ou do theatro, que no caso tem a sua importancia - no futuro, pois que a solução poderá assumir varias formas differentes.

Apresenta-se, por exemplo, a televisão como uma das formas possiveis do Cinema. Cecil B. De Mlie, o mestre dos directores, vê nella pelo menos uma forma do film jornal.

"Quanto á televisão, diz elle, penso ser ainda muito cedo para se aventurar uma prephecia a seu respeito. Uma coisa é certa, porém: na minha opinião tal invento jamais fará o publico deixar de ir ao Cinema. O desejo de sahir de casa uma ou duas noites por semana em busca de um divertimento é muito forte. Sem duvida, a televisão poderá ser grandemente desenvolvida para uso do Cinema, e nisso estará o seu principal valor.

Eu posso, por exemplo "visualizar" a cerimonia da posse de um presidente, que será vista e ouvida nos Cinemas da nossa vizinhança, no momento em que se esteja realizando a investidura."

CLARENCE BROWN

CECIL B. DE MILLE

De Mille enxerga no novo Cinema falado um perigo para o theatro, embora seja um amigo sincero do theatro.

"Dentro de dez annos, diz elle, é possivel que o theatro tenha deixado de existir. Ninguem poderá prever com exactidão o futuro, mas evidentemente o theatro, o velho theatro, acha-se seriamente ameaçado, a não ser que adquira tendencias mais constructivas e creadoras do que tem mostrado até agora.

"O palco não precisa desapparecer. Pode enfrentar o Cinema falado e correr parallelamente com este, explorando campo absolutamente novo. Poderá dar logar a um novo genero de

(Termina no fim do numero).

FRED NIBLO

Alice White

SE ESTES OLHINHOS ME OLHASSEM... FELICIDADE, TINHAMOS MUITO QUE CONVERSAR...

ALICINHA, EU SOU LOUCO POR VOCÊ!

Dramas da Mocidade

(CARELESS AGE)

Interpretação de: DOUGLAS FAIRBANKS JUNIOR, LORETTA YOUNG E CARMEL MYERS.

Se WYN não tinha uma grande inclinação por MURIEL, a linda creaturinha que seu pae, o velho e famoso medico JOÃO HAYWARD creara desde a mais tenra idade não deixava, entretanto, de admirar-lhe as qualidades que lhe adornavam o espirito e a meiguice e a ternura que lhe eram tão caracteristicas. Agora, porém, com os exames que se approximavam e que lhe absorviam todos os momentos, mal podia dispôr de um segundo que fosse para "entreter" a pequena que nem á sua indifferença, se inclinava para OWEN, o irmão de WYN, que dizia amal-a perdidamente. Vieram, afinal, os exames e WYN, vencidas as mais duras provas cahira num abatimento e prostação profundos que alarmaram, sobremodo, o afamado cirurgião HAYWARD. Afflicto receioso que sobreviesse peiores males ao filho, HAYWARD mandou WYN descançar numa cidade proxima para na quietude e no recolhimento da vida pacata se retemperasse... Aconteceu, entretanto, que WYN, pouco depois de chegar á cidade eleita para gozar as ferias conheceu, em curiosas circumstancias a famosa estrella RAYTA ali tambem em férias.

E' que o gerente da casa de appartamentos em que se installara, julgando-o medico lhe bateu á porta, nesse dia, pedindo-lhe fosse vêr uma sua inquillina atacada de extranha enfermidade. O joven estudante correu aos aposentos da enferma, a irresistivel RAYTA. Ante a visão maravilhosa que a linda mulher lhe offerecia se perturbou, deslumbrado pela belleza fascinante da mulher. Ella que num instante comprehendeu que perturbara o joven, mais e mais escravisou-o envolvendo-o na caricia dos seus olhos magneticos... Desse dia em deante o joven, HAYWARD não mais teve, siquer, um instante de socego. Louco pela mulher diabolica, elle passou a viver sob a sua fascinação aspirando-lhe o perfume e bebendo-lhe as palavras numa obstinação indescriptivel. RAYTA, entretanto, que se distrahia com as exaltações e os desvarios do joven HAYWARD, sorria e a cada loucura sua e a cada promessa, repassada de juras e ternuras... E — curioso — ella que tanto procurara uma distracção para aquelles dias de ferias — encontrara-a naquelle rapaz amoroso exactamente poucos dias antes de regressar a Londres...

E, indifferente, voltou á grande capital sem se condoer do apaixonado HAYWARD que, soffrendo o rude golpe de sua partida imprevista se entregou nos braços da maior afflicção e do desespero maior...

—o—

O joven HAYWARD, sob o jugo da violenta paixão que o empolgava, em breve, voltava á Londres, mas inteiramente transtornado. De alegre e folgazão que era se tansformou no triste e no desilludido que agora parecia aos olhos de todos... Em vão o velho medico rodeou-o de carinhos e embalde MURIEL envolveu-o nas suas ternuras. WYN tinha no cerebro uma idéa fixa e, para ella vivia a amargura dáquellas noites de insonea e a inquietude daquelles dias de sobresaltos. Muitas vezes percorrera a cidade, entre a agitação dos seus theatros, na ancia de tornar a encontrar a mulher que o desgraçara. E emquanto isso a famosa "estrella", no desvario da sua vida irregular repartia os seus carinhos entre o LORD DUSTRUGH e o "boxeur" francez LE GRAND os seus mais assiduos admiradores sem deixar de attender aos outros que apparecessem. E foi o proprio LORD DUSTRUGH que, certa tarde, inconsciente do mal e do bem que fazia, levou RAYTA ao palacete dos HAYWARD!...

Ignorando toda a romanesca a triste historia daquelle amôr que vinha desgraçando WYN — apresentou-a a elle e á familia... Vendo a mulher dos seus sonhos ante seus olhos espantados, como uma apparição miraculosa, WYN tanto se excedeu que elles sempre lhe pediram e que o amava em silencio a explicação que elles sempre lhe pediram e que sempre teimara em occultar... Revelou-lhes, assim, que a causadora da sua transformação fôra tão somente aquella linda e diabolica mulher... Desde então, indo de mal a peior e soffrendo aquella tortura mais e mais, WYN sem se conter, certo dia, penetrou no appartamento da artista, sem por ella ser presentido! E teve, então, aos olhos os quadros mais fortes que a maldade, a mentira e a baixeza daquella mulher que lhe podiam offerecer!...

Ali occulto viu e ouviu tudo que bastou para convencel-o que aquella mulher perversa não tinha coração... A maior revolta e o desespero maior, indomaveis, WYN perdido o "controle" avançou contra a terrivel mulher apertando-lhe a garganta nas tenazes de ferro de suas mãos musculosas. Vendo-a tombar e julgando-a morta, WYN correu ao encontro do pae, tudo lhe contando. O medico, tão somente preoccupado em salvar o filho, disposto mesmo a sacrificar a sua pela liberdade delle correu ao appartamento da artista para ser dado como criminoso. Mas com grande surpresa para elle — o velho HAYWARD Já lá encontrou outro collega o qual, bem como os presentes, justificou a sua apparição ali por ser elle medico... Em pouco RAY-

(Termina no fim do numero).

ESTHER
RALSTON

QUEM DEVIA LEVAR BOMBA, ERA O ANNO PASSADO. FEZ MUITO MAL EXAME. E NÓS NÃO QUEREMOS ESTUDAR INGLEZ...

MARY BRIAN.
GENTE BAMBA QUE
NÃO E' BOMBASTICA.

Estrella ditosa

(LUCKY STAR) — *FILM DA FOX*

Mary Tucker	*Janet Gaynor*
Timothy Osborn	*Charles Farrell*
Martin Urenn	*Guinn Williams*
Mrs. Tucker	*Hedwiga Reicher*
Millie	*Gloria Grey*
Pop Fry	*Hector V. Sarno*
Joe	*Paul Fix*

Agil, masculo e robusto, na plenitude de uma vigorosa mocidade, naquella tarde outoniça, após os lazeres de um dia de actividade, Timothy Osborn, num tablado, entre uma turma de trabalhadores da construcção de uma linha telephonica, enfrentava com galharia Martin Wrenn. No auge da luta, no momento em que, astuciosamente deligenciava applicar contra o adversario um dos seus "trucs" predilectos, a vozinha harmoniosa e dôce de uma vendedeira de leite fez-se ouvir no ambiente alacre e festivo. E' Mary Tucker, uma encantadora garota do interior americano a "girl" travessa e vivaz, com a alma a dansar-lhe nos olhos scintillantes, a voz modulada em requebros innocentes, que vinha vender leite aos trabalhadores.

Quasi maltrapilha, a sua roupa é suja.

Um nickel o copo! Wrenn é dos que tomam um copo de leite e o nickel ao ser entregue á garota cáe á lama.

E' nesse interim que os fios telephonicos vêm surpreender a todos com uma noticia sensacional: — A America entrara na guerra! O collosso anglo-saxão, sacudido pelo enthusiasmo de uma belicosidade herdada dos ancestraes, vibrava em todas as suas moleculas, sob a influencia de um atavismo estonteante. A Guerra! A Guerra!!!

Uma dessas moleculas é Wrenn, cujo patriotismo o empolga.

Será o primeiro homem a alistar-se voluntariamente entre os combatentes, blasona orgulhoso.

E, com os outros companheiros, parte numa algaravia de barbareos, deixando Timothy preoccupado com o concerto de um fio da linha telephonica. Mary Tucker volta a procurar o nickel de Wrenn, cahido na lama e, apesar de achal-o, cobra um novo nickel. Timothy que a observava da sua posição na viga, censurando-a, desse agarrando-se aos esteios e dá-lhe umas boas palmadas como castigo da sua desonestidade.

Mary fica tão resentida que, mais tarde, ao passar pela casa de Timothy, resolve arremessar-lhe uma pedra atravez da janella escancarada. Isto coincide justamente com o momento em que Timothy ia sahindo de casa.

Na sua alma de criança, simples, accessivel a todos os impulsos, irreflectidos, Mary se enternece ao saber que Timothy ia partir para a guerra, para a grande aventura a chamado da Patria.

Guerra... Patria... palavras que a sua alma candida não comprehendia bem.

Homens que nem se conheciam, de tradicções differentes e de raças differentes iam se trucidar como féras nos campos de batalhas. Por que?

Talvez fosse aquella a ultima vez que se encontrava com Timothy, o vigoroso Timothy, desenvolto e agil, uma alma eternamente infantil encarnada na compleição de um galhardo rapaz.

Não poude reprimir uma expressão de saudade antecipada.

— Timothy!

Que fosse de trem com ella! Era mais commodo e menos esfalfante. Ella tambem ia fazer uma viagemzinha!

Timothy replica-lhe que possuia bôas pernas para o seu uso.

E partiu.

Durante as refregas, no calor das batalhas, com os ares enfumados ao fuzilar dos projectis, com os céos cortados pelas balas e as azas temerarias dos aeroplanos, aos estampidos, que são como terremotes, Wrenn é sargento, Timothy conduz os caminhões dagua e Pop Fray, companheiro de ambos, cozinha.

—

No meio daquelle tumultuar de paixões desencadeadas, no horror das hecatombes e no furor das chacinas, uma restea de luz tranquilla, tonificante como uma benção do céo, vem regorgitar-lhes de alegria a alma.

São duas cartas, uma para Wrenn e outra para Timothy. Era Mary Tucker quem as subscrevia, empregnando-as de toda a ternura innocente de sua

alma de joven. Eram semelhantes, quasi com os mesmos dizeres, mas nem por isso deixavam de ser um reflexo de sua alma pura.

Para Timothy, que não possuia parentes, nem solidas relações de amisade, ninguem que delle se lembrasse... ninguem que lhe escrevesse... ou lamentasse a sua morte, a carta, um mimo de affectos puros, era um achado providencial que o enchia de alegria commovedora. Fóra no castello arruinado que servia de cozinha Wrenn recebe ordens superiores para preparar o rancho para os combatentes da vanguarda.

Wrenn, sentindo-se seguro, approveita a opportunidade para mostrar-se generoso para com Timothy que ansiava por partir. Numa dolorosa occurencia Pop morre, Timothy é gravemente ferido, tornando-se paralytico dos quadris para baixo. Um anno depois do Armisticio Mary vae á casa de Timothy para vender amoras. E' a primeira vez que se encontram depois da volta de Timothy da grande guerra.

Timothy estava numa cadeira de rodas. Mary sente-se curiosa acerca de suas pernas, quasi sem comprehender mas Timothy graceja, dizendo que as estava economizando para uma "occasião especial".

Mary cobra-lhe trinta "cents." Timothy insinua não ignorar que o custo no mercado é vinte ao que ella retruca, que nos vinte "cents" não se inclue o trabalho de ir ao mercado.

E assim começou-se aquella salutar camaradagem; para cimental-a Timothy faz a Mary o presente de um phonographo.

Algumas semanas mais tarde, mais intensificada aquella amisade, Timothy lhe lava o cabello como a

(Termina no fim do numero)

Carol Lombard

A MODA MUDA...

ESTE JA' NÃO E' MUITO BONITO...

O SEU NOVO PIJAMA.

E' POR ISSO QUE OS CAVALLOS, AS VEZES, PERDEM OS FREIOS...

CAPA PARA CANTAR NA CHUVA...

Eva Nil

cinearte

Josephine
Dunn
Cinearte

NALLY GRANT
cinearte

Todo aquelle que já teve entre as mãos uma camera cinematographica para os amadores é natural que tenha sentido a necessidade de uma fonte de luz artificial para o seu trabalho. Provavelmente, essa necessidade se fez sentir durante um dia de festa, quando, contando de ante-mão com um dia feliz que lhe permittisse uma filmagem ao ar livre, e levantando-se cedo para isso, o amador deu de cara com uma manhã chuvosa, nublada, e absolutamente inaproveitavel. Este caso é commum. Deve ter acontecido a todos. O amador sente-se desconsolado, a folhear o catalogo de accessorios. E de repente, elle vê uma sahida. Por que não poderei filmar assumptos interiores num dia como este, ou mesmo á noite? Neste ponto, elle torna a lêr as descripções sobre os varios accessorios de luz, e uma porção de idéas a esse respeito se lhe apresentam, por si mesmas, no cerebro. Ahi, o amador começa a pegar bem as possibilidades de cada uma, já prompto a tratar do assumpto na primeira opportunidade.

Essas possibilidades são sempre futurosas. Ha uma quantidade enorme de "nuits" ou accessorios, de luz, tanto pequenos como maiores, e todos são economicos, simples e praticos. Com o auxilio desses apparelhos, o Cinema de Amadores independe-se das variações do tempo, e das alternativas do dia com a noite. Com esses accessorios, podem-se obter, á vontade, lindos effeitos de luz; em resumo, o emprego da luz artificial significa todas as vantagens para o amador, qualquer que seja a sua camera.

Para a maioria dos casos dos interiores, em casa, ha dois typos de apparelhos ao dispôr do cinematographista-amador. Esses typos são; a lampada a arco voltaico, com os carvões conjugados ou não, e a lampada a incandescencia. Cada qual tem as suas vantagens e desvantagens. Se o amador se decide a adquirir uma ou a outra, a melhor coisa que elle póde fazer é estudar os caracteristicos de cada uma, em relação ás suas proprias necessidades.

Seguindo esse conselho, o amador tornar-se-á na pessôa mais habilitada para decidir sobre esse ponto.

E' conveniente fazer notar que ha outros generos de illuminação apropriados ao trabalho do amador; mas seria inutil entrar em detalhes, devido ao seu reduzidissimo uso, por parte dos proprios amadores. De todas as lampadas desses generos diversos, a mais empregada é aquella que se baseia na ampola electrica, cheia de um gaz chimico apropriado, o qual se torna vivamente luminso com a passagem de uma corrente electrica.

Conversemos sobre os dois typos de illuminação mencionados. A lampada a arco produz uma luminosidade mais intensa do que a lampada a incandescencia.

A fonte luminosa no arco voltaico é uma pequena massa incandescente, gazosa, com a fórma de um arco de circulo, e que surge entre as extremidades de dois "carvões", logo que a corrente electrica passa de um para o outro. Essa fonte luminosa é muito concentrada e esquenta consideravelmente. Ha dois typos de lampadas a arco para o uso domestico: aquelle em que os carvões estão collocados na mesma linha recta, ponta com ponta, e aquelle em que os carvões são parallelos, um ao outro, mas separados por um isolante determinado. Qualquer um dos dois é bastante efficiente.

Apenas, o primeiro typo precisa ser constantemente vigiado, e os carvões approximados um do outro, á proporção que se vão consumindo. Em certos modelos, a approximação é feita automaticamente; para o amador, no entanto, a operação manual é sempre mais recommendavel.

Essa operação é feita de cinco em cinco minutos, por meio de um botão isolado, ligado por uma rosca ao supporte dos carvões.

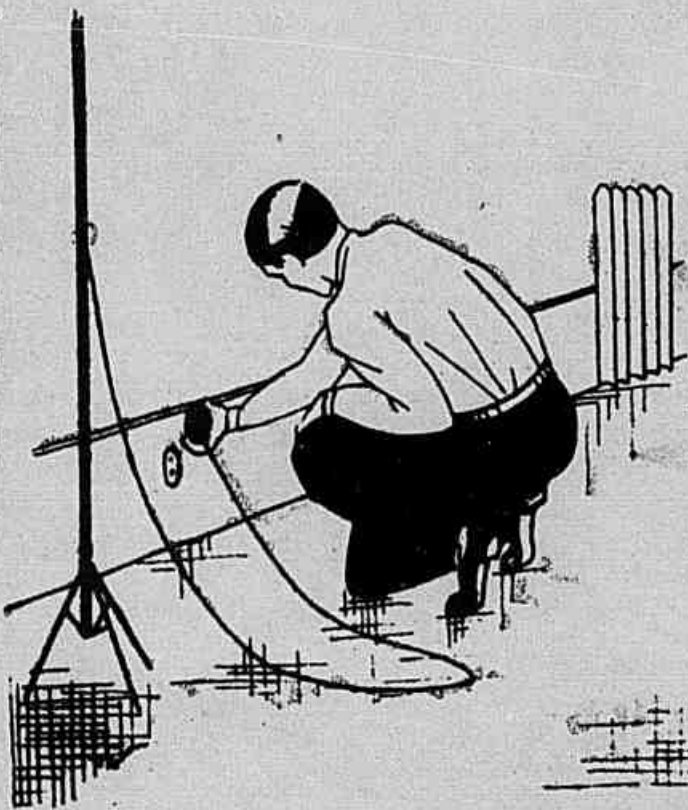
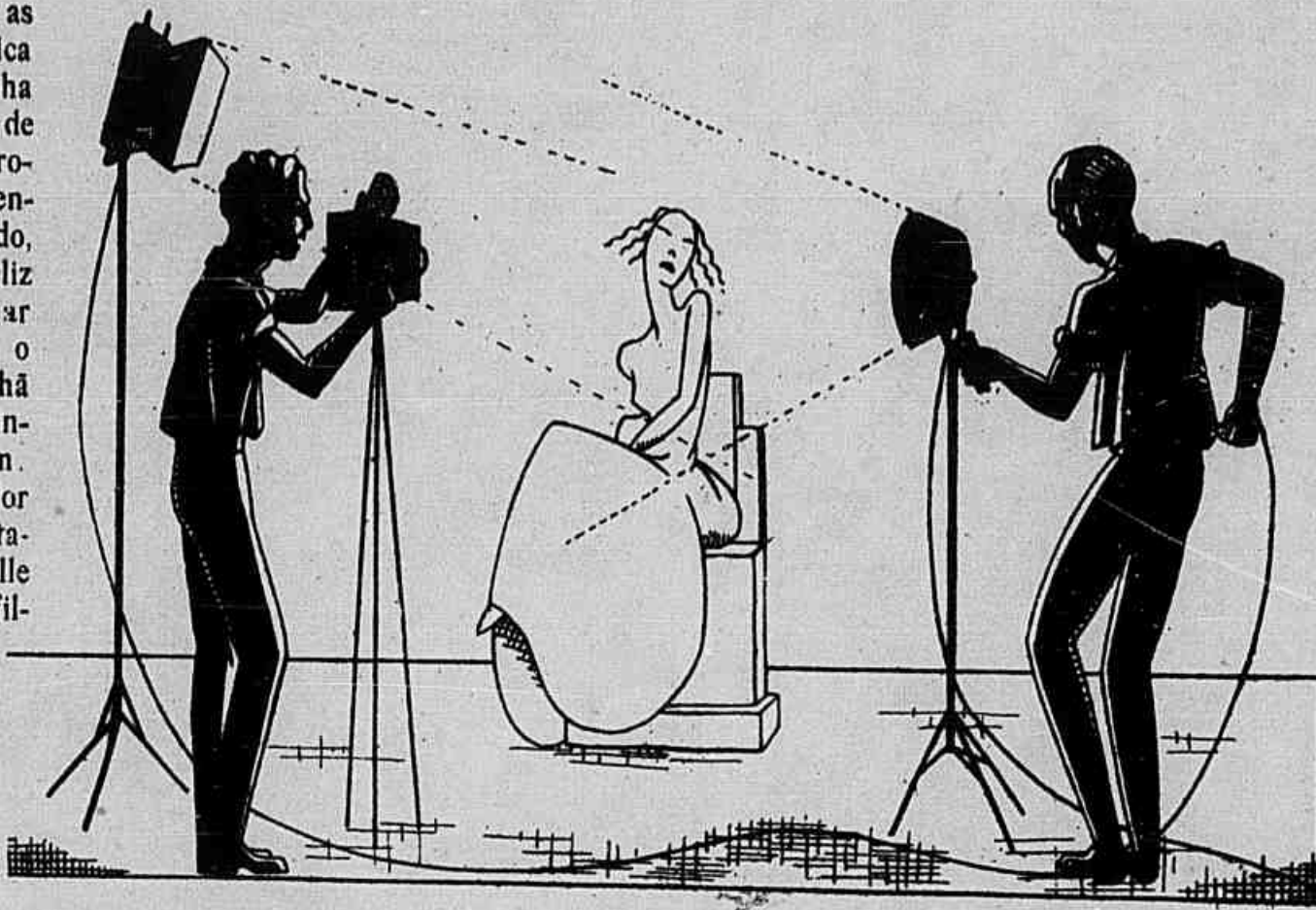
Tomando-se em conta que uma scena, filmada pelo amador, nunca dura mais de um minuto, vê-se que o intervallo de cinco minutos, para a operação manual, não representa uma objecção.

O typo de carvões parallelos tem certas vantagens: é mais compacto, mais portatil, e esplendido para effeitos especiaes de luz.

Ao passo que a lampada a arco de carvões parallelos é mais segura, e queima mais tempo, sem precisar de attenção; por outro lado, ella exige uma operação para poder funccionar.

Essa operação consiste em tomar de um outro carvão e esfregar com elles as pontas dos electrodes onde se fórma o arco, ligando assim as duas pontas, com a corrente já ligada. Num instante, os carvões tomam a côr do rubro incandescente, e o arco voltaico se fórma, entre as pontas.

Para fazer essa operação é preciso ter-se pratica, calma e firmeza. E' indispensavel o emprego de luvas e de oculos com vidros fumados.

Hoje, no entanto, as lampadas a arco já se accendem por si, de modo que essa operação mencionada acima já está, até certo ponto, cahindo em desuso. E' um notavel melhoramento.

CINEMA DE AMADORES

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

L U Z !

"... Que si a luz róla terra
Deus colhe genios no Ceu!"

Castro Alves.

A voltagem da corrente para a lampada a arco não vae além de 30 ou 40 volts, de modo que se torna necessaria uma resistencia para reduzir a esse numero o de 110 volts, que é a voltagem da corrente fornecida para a illuminação domestica.

Como se vê, é mais um factor para o augmento do custo do apparelho, bem como do calor produzido pelo seu emprego; mas o diminuto tempo requerido pela filmagem de uma scena de amadores vem, mais uma vez, destruir essa objecção. Todas as lampadas a arco requerem a substituição dos carvões, de vez em quando. E como ha carvões para varios typos de luz, esse facto toma por si um valor incalculavel para o cinematographista-amador. Por exemplo, ha os carvões **"á luz branca"**, para o film commum, isto é, orthochromatico; ha os carvões **"panchromaticos"**, para serem usados com o fim panchromatico; e ha ainda os carvões medicinaes, ricos em raios ultra-violetas, muito empregados na therapeutica de após guerra.

O amador não precisa estar muito relacionado com os carvões medicinaes, apesar da sua luz ser altamente actinica, e esplendida para contrastes photographicos.

A lampada incandescente de alta potencia é compacta em si mesma, e não requer attenção de especie alguma.

No entanto, um apparelho isolado não produz a mesma intensidade luminosa que uma lampada a arco, tambem isolada.

A lampada a incandescencia exige menos voltagem, podendo trabalhar com os 110 volts normaes.

Outra vantagem é a ausencia de uma chamma luminosa. A luz da lampada a incandescencia é ligeiramente amarelada, o que não se torna recommendavel para o film orthochromatico.

As experiencias feitas com o panchromatico mostraram, no entanto, ser essa a mais conveniente. A duração de uma dessas ampolas de luz a incandescencia depende de factores absolutamente indeterminaveis. Póde-se no entanto estabelecer uma média de 20 ou 24 horas de serviço.

Agora, uma palavra a respeito do cuidado que se deve ter com o apparelho, especialmente no que concerne á corrente electrica que o alimenta: será de grande vantagem para o amador, que elle se familiarize primeiro com a installação electrica da casa, de modo que possa calcular a potencia da corrente que póde ser derivada de um fio, sem o perigo de queimar os fusiveis. Agora, se elle deseja usar varios "units" ao mesmo tempo, num consumo, em conjunto, acima de 500 watts, é preferivel consultar um electricista ou um representante da companhia fornecedora de luz e força.

Cada "unit" traz claramente definido o consumo, marcado em watts e ampères. Se a força total, usada na illuminação dos "units", é de 1500 watts, approximadamente, basta um fusivel de 15 ampères, salvo se se trata de lampada a arco, sendo que neste caso será preferivel um fusivel de vinte ou vinte e cinco ampères.

E' preciso examinar as chaves de interrupção geral, que se acham ao lado do relogio-contador; ali se encontram os fusiveis, e a amperagem está marcada nelles.

Não convém substituir os fusiveis por outros de capacidade muito elevada, sem conhecimento e experiencia prévios do que seja a Electricidade. A funcção dos fusiveis é proteger a installação. Sem elles, os fios esquentar-seiam de tal modo, no interior das paredes, que um incendio seria uma consequencia logica do facto. No entanto, para o amador o perigo quasi que não existe, devido a ser preciso um periodo de tempo bem consideravel para que se produza um tal accidente. Apesar disso, o facto vem, por isso, desligar todo e qualquer apparelho como ferros de engommar, torradeiras, etc., quando os "units" entram a funccionar; e tambem não é recommendavel uma carga superior a 2.000 watts.

Os fios, geralmente empregados na connexão de lampadas de mesa, abat-jours, etc., não se adaptam a esse serviço, porque raramente supportam uma carga superior a 400 ou 500 watts. Além disso, as partes isoladas ou de metal dos supportes ordinarios não se adaptam ao serviço de correntes de alta tensão. Esse metal dos supportes ou pendentes esquentar-se-ia com muita facilidade.

A melhor ligação é aquella que é feita nas tomadas de corrente collocadas ordinariamente nos rodapés. No caso de se empregar mais de um "unt", convém ligar cada um, separadamente, a uma tomada diversa. Cada "unit" carrega comsigo um cinco ou mais metros de fio de alta tensão, de modo que esse fio poderá perfeitamente ser empregado na ligação a que nos referimos.

Uma vez seguidos esses conselhos, todo e qualquer perigo estará afastado, e o amador se achará completamente apto para filmar os interiores que melhor lhe parecerem. As lampadas só devem ser accesas durante a exclusiva filmagem de uma scena, ou então para experiencias cujo fim é a procura de effeitos luminosos.

CORRESPONDENCIA

Henrique Couto (Rio Grande) — Recebi a sua carta acompanhada do scenario. Ainda não pude darlhe uma resposta, criticando o seu trabalho, por falta de tempo.

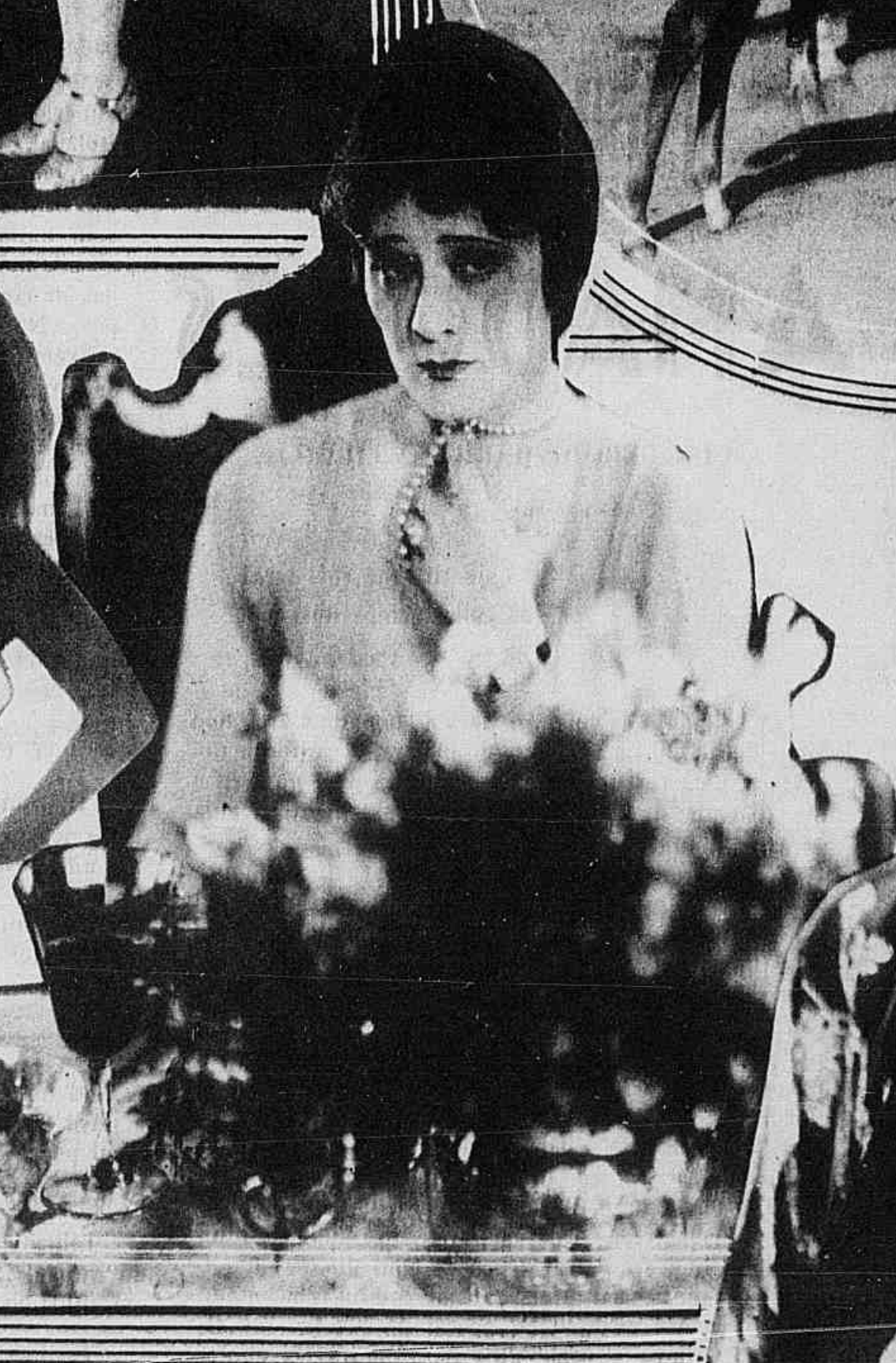
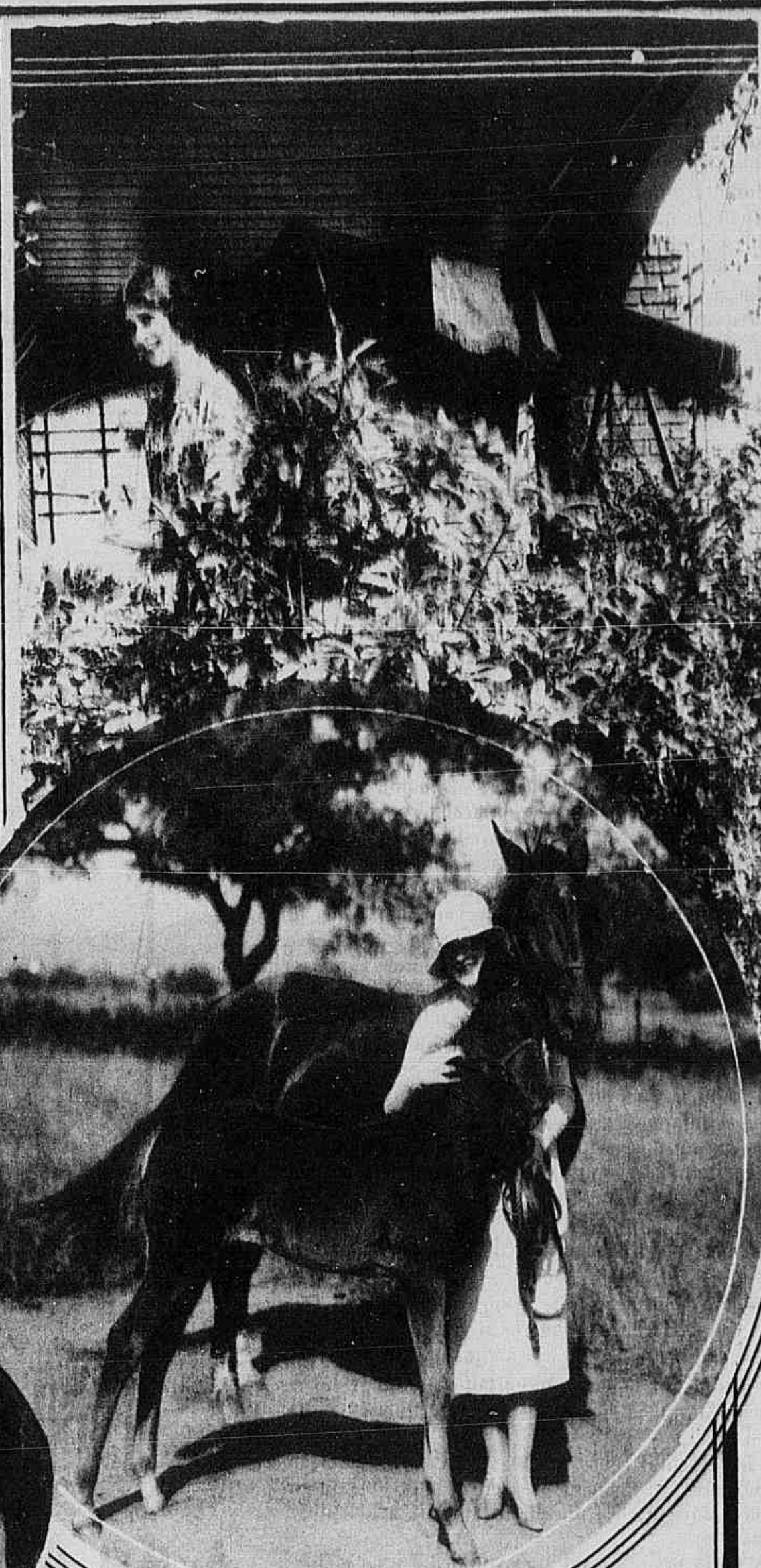
Pelo que examinei, porém, acho que o amigo devia escolher assumptos mais adoptaveis.

As scenas estão divididas, mas não visualizadas.

Já foram filmadas as ultimas scenas de "Ketten", a nova producção allemã com Fritz Kortner no principal papel, cuja direcção foi confiada a Gennaro Fighelli.

Lillian Harvey tem papel saliente no film "Wenn du Einmal Dein Herz Verschenkst", cuja historia foi extrahida do romance "Der Vagabund von Aequator".

Tambem já foram terminadas as ultimas scenas da producção sonora "Der Unsterbliche Lump", da série Joy May. A direcção é de Gustav Ucicky.

Irene Rich

IRENE
PARECE QUE TEM
A ALMA E
O SENTIMENTO DO
BRASIL...

Viola Dana e Shirley Mason

As tres irmãs Flugrath, Viola, Edna e Shirley.

Shirley Mason e Viola Dana, duas das mais populares girls da téla, vão apparecer pela primeira vez juntas no "screen", no film intitulado "Almost Twins".

Antes de mais nada, deve-se dizer que Shirley e Vi são as "mais pequenas" das estrellas irmãs da téla. Physicamente, ellas foram desde creanças como dois bagos de uma vagem... mas ahi termina a historia.

A despeito da infinita adoração que uma tem pela outra, conservaram sempre distinctamente as suas individualidades. Não houve nunca nada de "gemeo" nas suas carreiras. Cada qual andou sempre com os seus proprios pés, trilhando cada uma o seu caminho como estrella. Formaram o seu espirito como filhas do palco, e como se agarraram a elle!

Resultado: temos agora Shirley Mason e Viola Dana realizando a sua primeira exhibição na téla ou no palco juntas como irmãs, em "The Show of Shows", a revista que vem justamente de ser produzida em Technicolor pela Warner Brothers. Nessa revista o *Sister Act* constitue uma das novidades do espectaculo. Além de Shirley Mason e Viola Dana, apparecem tambem tambem ahi Dolores e Helene Costello, Alice e Marceline Day, Sally O'Neil e Molly O'Day, Sally Blane e Laretta Young, Alberta e Adamae Vaughn e Marion e Harriot Lake. E' um verdadeiro numero de irmãs!

Shirley e Viola estão se preparando sob a direcção do professor de dansa Larry Ceballos, e este não occulta o seu enthusiasmo pela aptidão das suas alumnas. "Um verdadeiro knockout", declara elle. E accrescenta:

"E ellas não precisam que eu lhes ensine nada. Fazem tudo por si mesmas, com a maior facilidade. E sabem o que é mais interessante no seu numero de irmãs, é que ellas conservam tão distinctamente a sua personalidade que se tem a impressão de estar vendo suas intelligentes estrellas trabalhando juntas como um par".

Nascidas no palco, Shirley e Viola Dana foram feitas film falado-cantado-dansado. Vi foi um successo nos seus sketches no vaudeville, emquanto Shirley se dedicava aos "talkies".

Agora Vi acha-se de volta em Hollywood definitivamente, e tudo faz crer que as suas irmãs dobrarão a sua antiga popularidade.

Por uma curiosa coincidencia Shirley e Vi tornaram-se favoritas populares do cinema numa idade em que apenas deixavam o vestido curto. Como Lillian e Dorothy Gish a seu tirocinio infantil no palco permittiu-lhes attingir o "stardan" no cinema quasi da noite para o dia.

SHIRLEY MASON...

Violinha, desapparecida, mas sempre querida...

O talento e belleza dessas duas pequenas foram bem acolhidos no cinema, mas o mesmo não aconteceu com o seu nome Flugrath. Como Vi fôra chris-

(*Termina no fim do numero*)

O Crime do STUDIO

(THE STUDIO MURDER MYSTERY)

(DESCRIPÇÃO ESPECIAL PARA "CINEARTE" DE L. L. CARLOS)

Tony White	Neil Hamilton
Rupert Borka	Warner Oland
Richard Mardell	Fredric March
Blanche Hardell	Florence Eldridge
Helen Mac Donald	Doris Hill
Detective Dirk	Eugene Pallette
O porteiro	Chester Conklin
Martin	Lane Chandler
Ted Mac Donald	Gardner James
Mac Donald	Guy Oliver
Grant	E. H. Calvert
Capt. Coffin	Donald Mackenzie

— Não, Richard Hardell, exclamou Rupert Bor-, não sabes representar! Esta tua quéda da escada tá pouco convincente.

E, apontando um boneco que apenas se differen-va de um homem pela sua immobilidade, declarou:

— Este boneco parece que tem mais sentimento que tu. Richard Hardell retrucou:

— Mas tu me promettestes, Borka, que me darias bom papel no teu proximo film, quando venci o ncurso daquella revista. — Sim, mas a verdade é e não passas de um pretencioso namorador. Tente namorar até a minha propria esposa, tanto as- que a mandei para a Europa. Não te faças de o...

Hardell tentou negar. Affirmou que não. Ju-. Mas um homem acabava de penetrar no studio, curando o sr. Borka, para o qual trazia um telemma. Ao acabr de lel-o, o director empallideceu, eprimindo a custo o odio que lhe incendiava a al- murmurou:

— Hardell, ella acaba de morrer na Europa, pronunciando o teu nome. E Caminhou para elle, ameaçador. Hardell ia recuando, recuando, ante aquelle olhar furioso e indignado.

— Mas escuta, Borka, tenho uma carta della, que é bem uma prova de que nada houve entre nós: nesta missiva supplica-me ella o meu amor e se desola ante a minha indifferença...

— Tens esta carta? Mostra-m'a.

— Está no camarim. Vou buscal-a.

— Irei comtigo.

Caminharam os dois, pesadamente. Ao entreabrir a porta do pequeno camarim, ao fundo de um corredor, Hardell viu, lá dentro, uma silhueta gracil de mulher.

— Espera um pouco, Borka. Helen, aquella extra do film, filha do guarda Mac Donal, está ahi dentro. Quer falar commigo, naturalmente. Espera um pouco, voltarei já com a carta.

Borka, raivoso, resolveu-se, comtudo, a esperar.

Penetrando Hardell no camarim, a joven, que lá o esperava, correu a enlaçal-o.

— Richard, meu amor, vim saber do teu divorcio, quando termina. O meu irmão Ted disse que me estás enganando. Corri para cá, perdôa-me.

— Ora, filhinha, deixa o teu irmão falar. Bem sabes que só a ti amo, Helen, e que nada nos poderá separar!

Emquanto o maldoso seductor e a ingenua "jeune fille" trocavam essas palavras, mme. Hardell, impaciente, batia á porta do camarim. Sem saber o que fazer, Hardell escondeu a moça em uma sala contigua, dando logo entrada á sua bella e impres-

sionante esposa. Blanche Hardell olhou para elle com desconfiança.

— Já te disse, Richard, que não quero ver mulher nenhuma entre nós.

O marido sorriu. — Bem sabes, Blanche que só a ti amo e que nada nos poderá separar.

— Ouve, Richard, se alguma mulher se interpuzér em nosso caminho, mato-te, ouviste? Mato-te!...

Hardell sorria, afagando a esposa. Estevisse descansada, elle a amava tanto! Não havia no seu coração logar para outra affeição.

Do quarto ao lado, a infeliz mocinha ouvia tudo, apezar dos esforços de Hardell para falar bem baixo. Mais tranquillisada, a amorosa esposa retirou-se. Immediatamente após a sua sahida, Borka, batia á porta. Estava cansado de esperar! Tinha pressa! Onde estava a carta? Hardell, embaraçado, desculpava-se: Esquecera-a em casa...

— O meu automovel está ahi. Irei comtigo buscal-a.

Hesitante, Hardell poz o chapéu. Retiraram-se os dois. Então eis que a porta se abre novamente dando passagem a madame Hardell que entrou no camarim bem no momento em que Helen abria a janella para fugir.

As duas mulheres defrontam-se. A pobre mocinha quasi a desfallecer, murmura:

— Eu não pretendo enganal-a, Sra. Hardell... Richard me disse que a senhora havia requerido divorcio... Assim que estiver tudo terminado, casar-nos-hemos...

Mme. Hardell sorriu amargamente. Tratou a rival com piedade, condescendencia, quasi que com carinho. Levou-a comsigo á sua casa, onde, depondo-lhe nas mãos algumas cartas, lhe disse: — Eis aqui algumas provas da infedilidade de meu marido. Estas cartas são de outras mulheres, que não conhecemos... E, emquanto, desgostosa e ironica, se retirava um instante, á cata de novas provas de mais variados delictos, a outra, a pobre moça enganada, sahiu rapidamente e sem dizer adeus, pela porta da varanda. Uma faca de abrir livros, entrevista um momento sobre a escrevaninha da mulher do seu amado, acendêra em seu cerebro uma idéa vertiginosa, que ella mesma nem ousára acolher...

(Termina no fim do numero)

HISTORIA DE

SUE E NICK

De conformidade com o que se diz em Hollywood a respeito da heroina desta historia, o titulo ahi acima devia ser "The Poor Little Rich Girl", ou seja "a pobre pequena millionaria" visto que isso é uma expressão muito cara ao sentimentalismo yankee o qual não concebe que uma pessoa cheia da nota, como se diz, possa soffrer uma desventura. Mas o titulo está lá em cima, e vamos por isso deixal-o plenamente em paz.

A heroina é Sue Carol, que sempre foi perseguida, desde a infancia, pelo phantasma de uma fortuna que ella jamais possuiu. Ha quem julgue, em Hollywood, que o rendimento pessoal de Sue representa, por ahi, o capital de um minusculo "baby-bank".

Chicago tem a fama de ser a cidade dos millionarios. E Sue, desde que appareceu pela primeira vez n'um film de Hollywood, que tem tido a fama de ser a mais rica herdeira da cidade dos milhões. Sue póde ser uma herdeira. Póde ter vindo de Chicago. Mas uma herdeira póde ser uma herdeira, e não possuir mais de um milhão no banco. A fortuna de Sue não existe. Ella apenas vive confortavelmente.

A idéa que Hollywood fazia de Sue é que ella vivia para os seus milhões. Todos falavam nos milhões della. Os contractos que lhe eram offerecidos não subiam á metade siquer do que percebia qualquer outra pequena menos favorecida pela fortuna, fosse esta imaginaria ou não.

Um dia, Sue pensou em viver dos seus proprios rendimentos, mas todos lhe pediam emprestado, por isso ou por aquillo. E assim, outro bello dia, o seu saldo, no banco, se sumiu de todo. A principio houve credito; depois, esse mesmo desappareceu. E por fim, só durante o anno que ora termina, conseguiu Sue resgatar as suas promissorias no banco.

Sempre tem sido assim. O espantalho de uma fortuna que só existe na imaginação dos seus amigos e conhecidos.

— "Quando eu ainda era garota, diz Sue, si eu possuia um dollar para gastar, as minhas amiguinhas pensavam que eu tinha dez. Era um caso serio. Mas um caso dez vezes mais serio foi quando me tornei uma moça. Imagine só que, si um amiguinho de que eu gostava vinha "tirar um fiapo" commigo, o pessoal dizia que elle andava, era atraz do meu dinheiro. Não teria sido tão duro si eu não tivesse ouvido pessoalmente indirectas a respeito. Os rapazes fugiam de mim por causa da fortuna que suppunham eu possuisse. Quantas vezes chorei, e chorei amargamente, devido a contratempos como esse!..."

"O meu avô teve muito dinheiro. Isso é verdade. E tambem é verdade que fui contemplada no seu testamento. Mas o que ninguem sabe é que a maioria da fortuna do meu avô foi toda para outras pessoas e para innumeras instituições de caridade. Disseram que eu era uma pequena riquissima por causa desse testamento. Tolices! Todo o dinheiro está collocado n'um trust, e eu não poderia tocar n'um unico "cent", siquer. E nunca fal-o-hei. Si algum dia tiver filhos, esse dinheiro irá integralmente para as suas mãos."

"Quando vim para Los Angeles, foi no intuito de visitar umas amiguinhas. Nesse tempo, conhecia uma que morava n'um apartamento pequeno, sem luxo, n'um bairro modesto. Um dia fui visital-a. Chamava-se Janet Gaynor. Não me falou em dinheiro. De modo que julguei que em Los Angeles eu poderia ser eu mesma, sem passar por uma joven herdeira da cidade dos milhões."

E' sabido o modo como Sue entrou para o Cinema. Dizem que foi ella propria que se trahiu, sem querer, dando a perceber que estava em melhores condicções monetarias do que muitas daquellas pequenas que se esforçam dura e amargamente por conquistar uma carreira fertil em desillusões. A historia foi assim: Um bello dia, o porteiro do studio descobriu que Sue tinha tres casacos de pelles.

Poucas, das grandes estrellas do Cinema, possuem mais de tres casacos de pelles. Na California, onde o clima é temperado, os casacos de pelles pertencem á categoria dos objectos de luxo.

Mas em Chicago, mesmo uma pequena remediada necessita de tres casacos de pelles. Um é para ir aos encontros de foot-ball; o outro é para as compras; o terceiro emfim é para ir ao cinema, á noite. E assim, foram os casacos de pelles que originaram a legenda dos milhões de Sue, em Hollywood.

A principio disseram que a mãe de Sue tinha pago 50.000 dollars para ar-

Sue Carol

ranjar um logar para Sue, no Cinema. Mas as coisas foram bem diversas. A mãe de Sue bateu o pé. Sue não podia entrar para o Cinema! Ridiculo! Mas Sue ganhou o "processo", e por fim entrou pr'o Cinema.

Sue é adorada pelos "fans". Linda, alegre, sociavel e communicativa, ella possue uma saude a toda prova. A herdeira de Chicago trocou a influencia social por uma carreira no Cinema. Os jornaes falaram, e disseram que Sue caminhava para a Fama, na direcção de um "Rolls-Royce", atravez de avenidas calçadas com parallelepipedos de ouro. Eis o resultado de toda essa publicidade: Sue teve que ser em Hollywood a mesma herdeira dos milhões imaginarios que havia sido em Chicago.

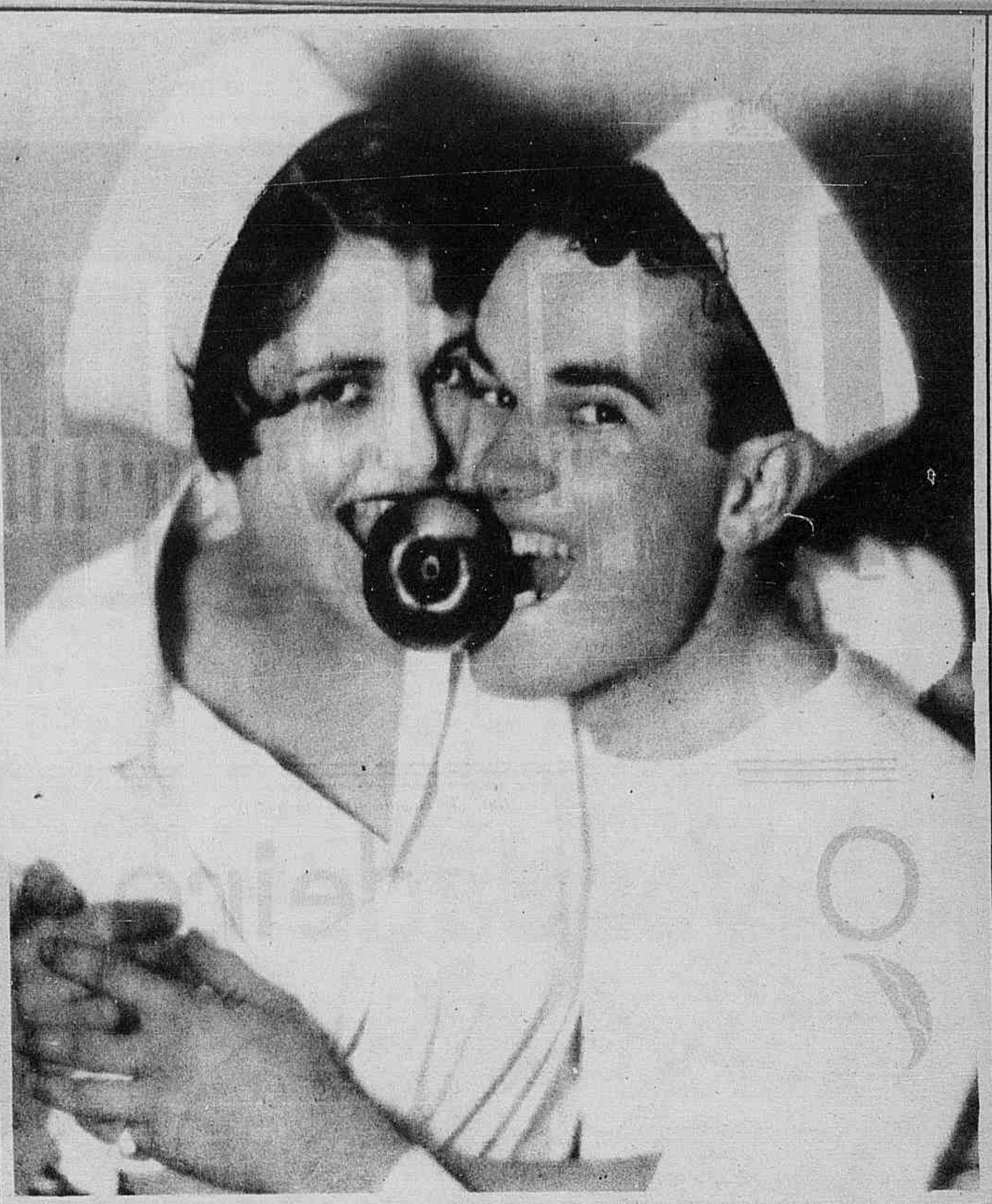
A lenda de Sue Carol cada dia se avoluma. Uma vez, disseram que a mãe de Sue todas as noites lhe telephonava de Chicago. Uma chamada telephonica de Chicago para Los Angeles não é brinquedo. Custa caro. E assim os jornaes entenderam que Sue, tendo dinheiro para dar de presente, só se contentaria com publicidade que enchem uma pagina ou mais. Uma pagina de jornal tambem não é brinquedo...

Foi um "buraco" para Sue poder saldar essas dividas. O seu primeiro contracto, com Douglas Mac Lean, não lhe dava mais de 300 dollars por semana. Ella procurou viver dentro dessas possibilidades. Mas Hollywood esperava muito mais.

Só a publicidade absorvia todo o seu salario. Ella morava n'um apartamento situado n'uma rua socegada, perto do hotel Embassador, em companhia de uma mulher allemã que sempre a tinha acompanhado, desde os tempos de garotinha. O seu luxo era um carro Packard, guiado por um chauffeur. Pode-se chamar isso de um "ménage" dispendioso?

Quando Sue descobriu que era um caso serio, na vida, a gente viver além das proprias posses recorreu á sua mamãe, e esta veio em seu auxilio.

Hoje, todos os debitos estão pagos, e Sue procura unicamente destruir a lenda da sua fortuna. A coisa de que ella mais gostaria seria dar presentes de valor ás suas amizades. Mas Sue não o faz. Dois terços do seu salario vão para um banco. E' com o ultimo terço que ella vive. Si ella vê uma toilette que esteja acima das suas posses, Sue procura esquecel-a.

Presentemente, ella vive quasi no fim daquella entrada que ziguezaguela pela encosta das collinas, em direcção a Hollywood. A vista que se descortina das janellas do seu "living-room" é simplesmente maravilhosa. Quando a tarde vae declinando, os studios, lá em baixo, formam uma moldura para os mais bellos occasos da California, quando o sol mergulha, lentamente, nas aguas puras do Oceano Pacifico. Dizem que Sue pretende abandonar essa casa, agora que o contracto de aluguel termina.

NICK E SUE

Ao tempo que Sue ficou apaixonada por Nick Stuart, todo o Hollywood falou desse amor Nick nasceu na Rumania, é "gozado", e tem feito successo nos films. Ha tres annos que são noivos. Hoje já estão casados.

Mas o casamento não afastal-a-ha do Cinema. Ella diz que continuará como sempre. A grande opportunidade da sua carreira vae ser agora com "The Lone Star Ranger". Isto dizem. Mas a Fox anda espalhando que esse "Ranger" "vae ser um novo "In Old Arizona". Si fôr assim, eu não creio muito na tal grande opportunidade. O heroe, graças a Deus, é George O'Brien. Talvez o film se salve por isso... e a pobre da Suesinha junto com elle.

Dessa vez, o papel de Sue não é mais bancar a melindrosa sapéca. Diz ella que está cansada desse genero. A idéa que os "fans" fazem della é que ella nunca fica quieta um momento, está sempre com os dedinhos dos pés a quererem dansar, aos accordes de um jazz da fuzarca. Enganam-se! A sua melhor amiguinha não era Janet Gaynor? Pois na vida real Sue é aquella Diana que Janet foi no Cinema..

Jack Oakie e Richard Gallagher aquelles dois "engraçadinhos" de "A Symphonia do Jazz" vão trabalhar juntos novamente, desta vez em "Marco Himself" sob a direcção do durissimo Frank Tuttle.

Harry Langdon acaba de assignar um esplendido contracto com Hal Roach para fazer doze comédias curtas num anno.

O director germanico Dr. Paul Fejos vae dirigir "The Devil" com Joseph Schildkraut no principal papel msaculino.

Basil Rathbone terá o papel principal em "Faithful" ao lado de Billie Dove.

Clive e sua familia. (E' casado sim, "ta hi"!)

Ninguem conhece o verdadeiro Clive Brook...

O Verdadeiro Clive Brook

Em Hollywood, onde os rapazes são productores cinematographicos e as raparigas cuidam do amor, um homem existe que procura ser "elle mesmo" Não gosta de Agua Caliente, nem de aeroplanos, nem de noites de "premiére"; não gosta de roupas almofadinhas nem occulta esses seus "desgostos".

O seu nome é Clive Brook.

Ha tres differentes Clive Brook. Um é o actor culto, frio e "suphisticated" que o publico conhece. E' o artista que faz papeis de espiões russos, de galã amoroso e de medico, sempre com a mesma finura de arte. O segundo Brook é o homem que alguns espiritos mais avisados de Hollywood julgam conhecer. O terceiro é o verdadeiro Clive Brook do conhecimento apenas de duas duzias de pessoas nos Estados Unidos.

O primeiro, que o publico vê, nunca incendiou a pellicula de celluloide com as labaredas dos seus papeis de amante apaixonado. E' o artista comedido, que mostra nos seus romances da téla o mesmo equilibrio e moderação que em tudo mais na vida. Sempre que o espectador vae a um film de Clive Brook, leva a certeza de que não soffrerá o desapontamento de uma interpretação inadequada. O seu nome é a garantia de um trabalho intelligente, com o qual elle absolutamente não visa o incenso dos "fans" enthusiasticos.

E quanto ao Clive Brook de Hollywood?

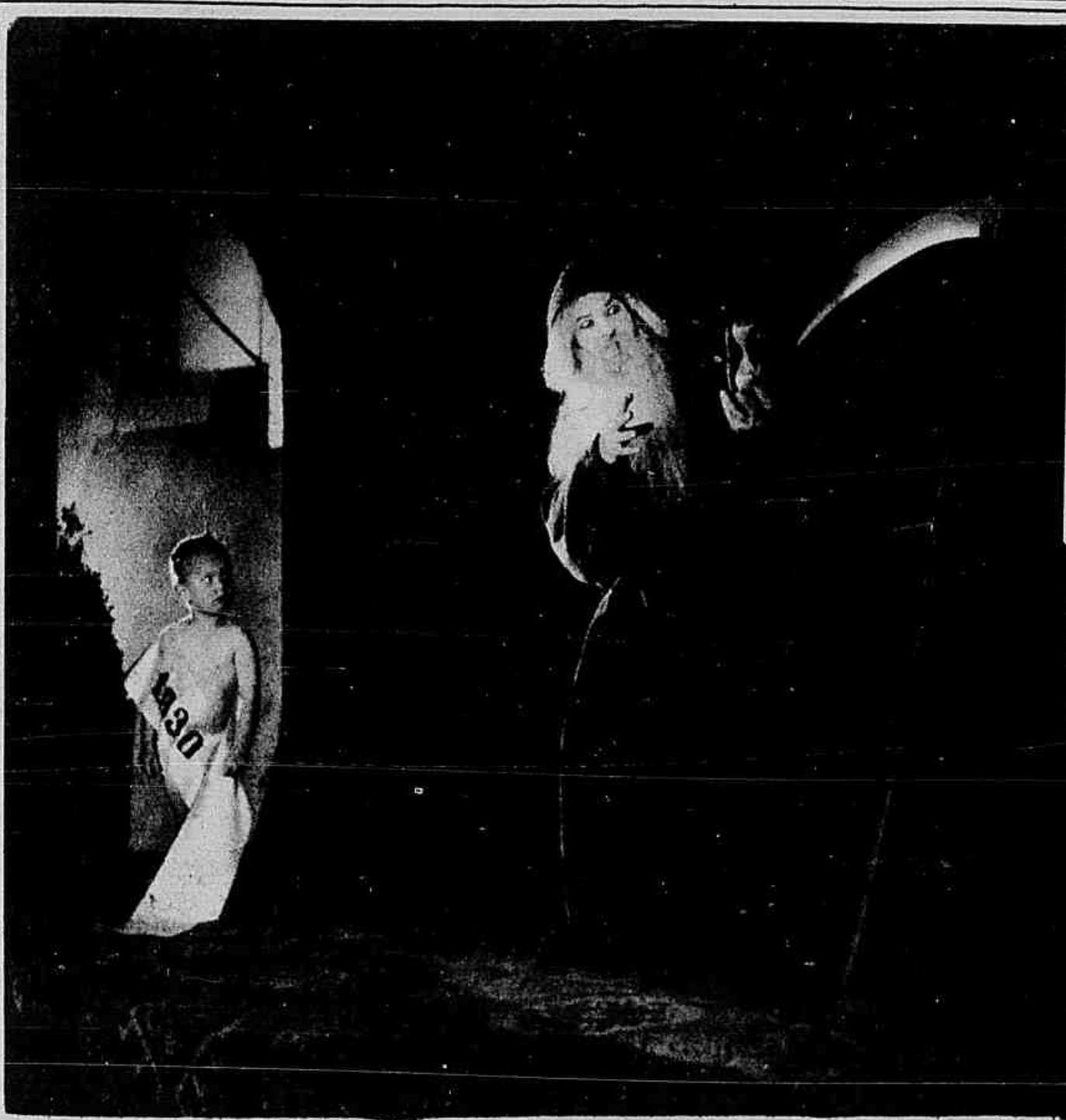
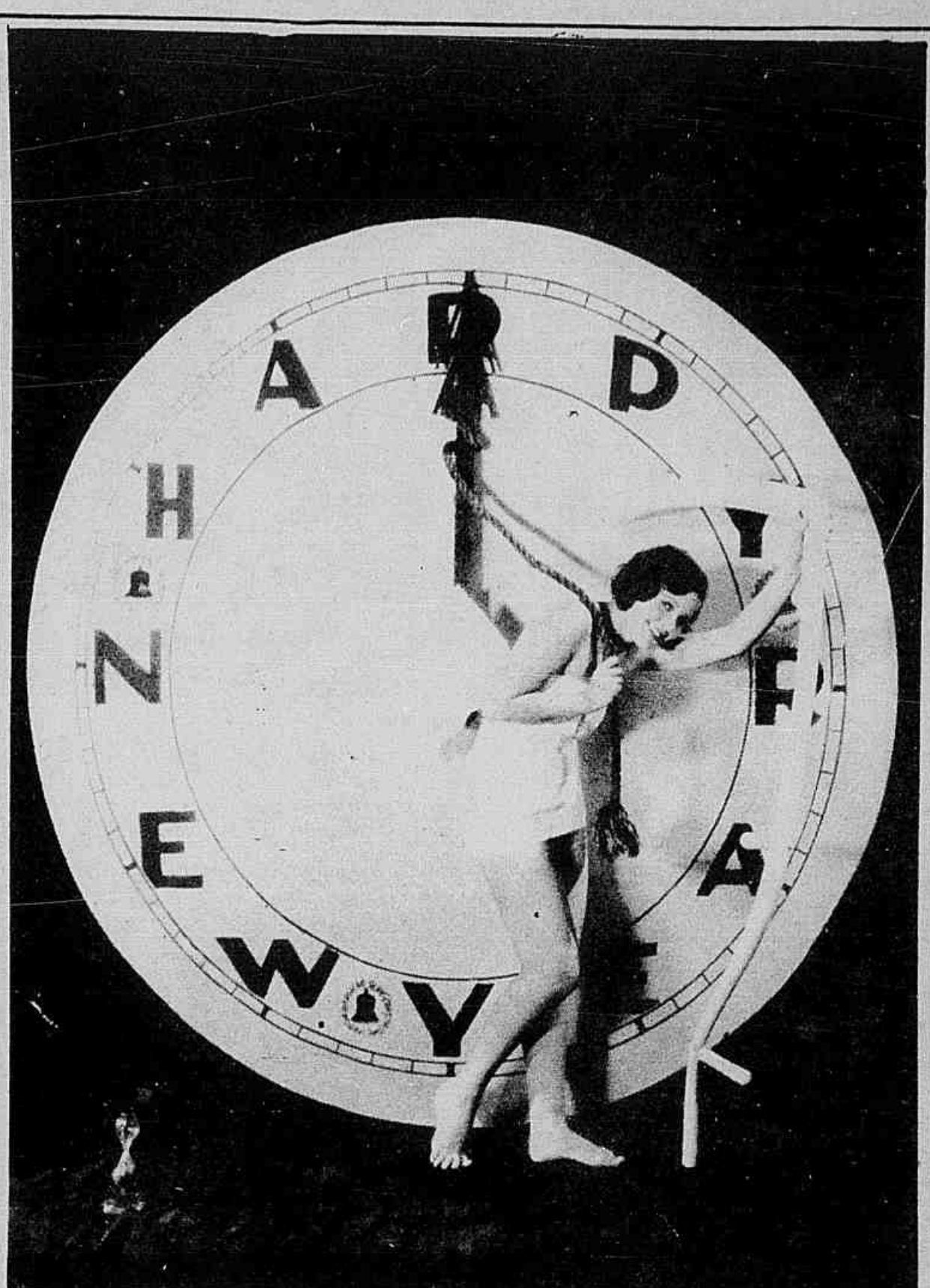
Devemos começar por dizer que os artistas inglezes são as creaturas mais reservadas — exclusivas — da colonia do film. E Clive é um desses inglezes. Ernest Torrence, Ronald Colman, John Loder, suas esposas e amigas são os outros. São todos elles espiritos socegados e muito parecidos entre si. Enthusiastas todos do tennis. Brook é dono do unico court de tennis grammado que existe na California. A téla de arame que o cerca é toda coberta de trepadeiras. Illuminado a luz electrica, o court de Brook é o *rendez-vous* predilecto da colmeia, que ali se reune em partidas de tennis á noite.

Nenhum dos inglezes de Hollywood será capaz de dar um passo fóra dos seus habitos de vida em busca de relações.

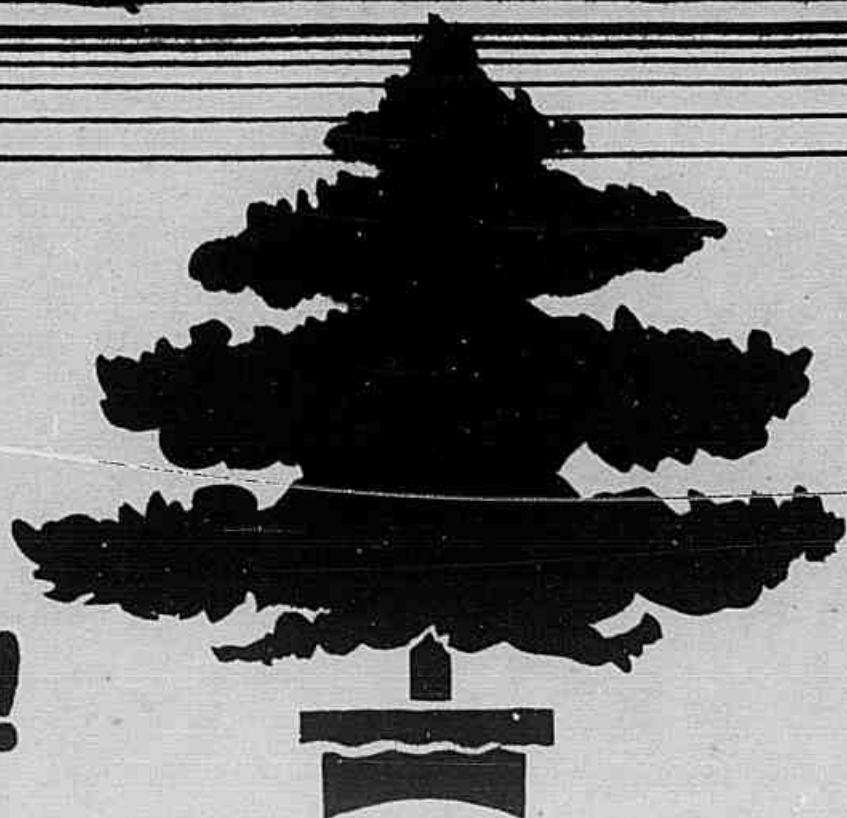
E' do seu temperamento. Os unicos homens com quem Clive Brook mantem relações chegadas são os inglezes do seu circulo. Para a grande maioria de Hollywood, elle é um simples desconhecido; ha mesmo muita gente que nunca o viu. O modesto retrahimento deve ser um velho traço de espirito inglez; mas em Hollywood parece uma novidade, — em Hollywood onde os simples boatos são servidos ao paladar do publico em titulos berrantes de jornaes.

Uma amimada estrella da Broadway viajou para New York no mesmo trem que Clive Brook, qundo este foi recentemente a Inglaterra. "Orgulhoso!" disse ella quando regressou a Hollywood". "Que pensa elle que é, para se afastar dos outros? Ia a ponto de fazer as suas refeições no seu proprio compartimento e não appareceu sinão no ultimo dia!"

Pelo facto de nunca haver elle pedido emprestado um terno de roupa ou uma gravata a outro artista no lot; pelo facto de não bisbilhotear os casos de amor da cinelandia quanto faz uma das suas raras apparições no Studio; por que não costuma fazer cumprimento de camarada aos mecanicos nem dar palmadinhas nas costas dos carpinteiros, e porque não passa horas a arranjar anecdotas e pilherias para despejar sobre os amigos, Clive Brook tem se visto apontado como um typo orgulhoso e presumido. Mas não ha nada disso: o que ha apenas é a modestia britannica. Mas essa sua grande modestia e indifferença é apreciada de muita gente, que elle nem mesmo conhece. Clive Brook parece possuir a fatal de

(Termina no fim do numero)

BARBARA KENT

NESTE ANNO, EM MARÇO, "CINEARTE", VAE DAR UM GRANDE PRESENTE AOS LEITORES. SURPREZA! TOMEM NOTA!

"CHUCA-CHUCA" E SID TAYLOR

Rosa de Irlanda

— Minha vida começa por onde as outras acabam após o casamento — diz Nancy Carroll. Antes disso eu não era nada. Era um projecto de pessôa. Juntos, agora, identificados pela communhão de interesses, cada um de nós é um apoio moral do outro".

Para Nancy Carroll, portanto, o casamento está longe de ser um mero recurso para, com o assentimento da sociedade, transigirmos, por assim dizer, com as exigencias da animalidade sexual, esse imperativo que dorme no fundo instinctivo de todos os sêres. Não. O matrimonio tem uma missão mais nobre a cumprir, uma attribuição e uma finalidade quasi divinas a preencher, porquanto, o homem e a mulher, sêres incompletos por si sós, sómente pelo matrimonio poderão, unidos, constituirem este ser indefinivel, completo uno, que constitúe o fundamento social. Por outras palavras: O homem sem a mulher nada vale, a mulher sem o homem, idem. Juntem-se os dois, entretanto, e tereis o alicerce da sociedade, não só quanto ao problema da continuidade e perpetuação da especie, mas num sentido mais amplo e elevado, moral, racional, affectivo, mystico e intellectualmente.

Dahi a sua exclamação expontanea: "I was but half a person", o que vale dizer: "Eu me sentia incompleta, fraca; faltava-me a outra "metade" com a qual eu havia de vir contituir o verdadeiro "individuo", capaz de se defrontar victoriasamente com os problemas da vida.

Ergamos as nossas objecções:

Foi, entretanto, aquella vida anterior ao casamento que insuflou em Nancy Carroll aquella admiravel tenacidade que lhe reconhecemos. Foi quando era ainda uma pequenina garota irlandeza na "Tenth Avenue", em New York, que ella começou a brilhar. Quaes eram as suas aspirações, os seus sonhos? Nem ella realmente o sabia. Ella mesma, actualmente, não será capaz de explicar a que especie de destino obedecia. Deu, entretanto, cegamente o primeiro passo.

Não foi, sem duvida, como dactylographa, num grande escriptorio, sob a luz azulada num amplo apartamento com centenas de outras raparigas nas mesmas condições, tentando responder a esta ou áquella carta de uma senhora da America do Sul, que parecia desejar um par de chinellas côr de rosa. Não foi mudando de emprego tão depressa quanto arranjasse outro, porquanto ella não contava mais de treze annos e não podia estar, portanto, especializada em profissão alguma.

Comquanto estimasse bastante os seus patrões, Urchs e Hegemer, ella não se conservou como secretaria particular na sua companhia manufactureira de rendas. A vida devia ser algo de mais galante e agradavel do que aquelle mourejar incessante e monotono de secretaria. Devia haver algo de mais espiritual e encantador para se aspirar...

Como outras louras irlandezas da sua época, foi impulsionada para o palco. Os antecedentes atavicos favoreciam-na; a sua familia era composta de pessôas que se distinguiam pelas suas accentuadas aptidões artisticas. A prole constituia-se de quatorze filhos. Nancy era a setima delles. Constituiam uma familia escoceza de tradições e fé catholicas, com o corpulento Thomas Latiff, o progenitor, á frente. Alegre, jovial e bonacheirão, com o sadio sangue irlandez a ingurgitar as veias, Thomas era um eximio tocador de harmonica; sua mãe dizia que esse fôra o mais forte motivo determinante do seu casamento. Todos os filhos herdaram delle aquella alegria espectaculosa e communicativa, tocavam pianno, cantavam e dansavam.

Mas as aspirações de gozar a alegria de viver, em Nancy, ultrapassava os restrictos limites da lareira, na ascensão gloriosa para horizontes mais vastos.

Enveredou-se pelo caminho do amadorismo.

Nancy e Thereza começaram a lutar juntas. A sua arte inspirada em motivos triviaes, coadunando-se com os sentimentos plebeus, harmonizava as melodias populares e encantava, porque possuia em si o segredo — esse "quid" mysterioso, imponderavel e que escapa á argucia da critica, a personalidade. A' revelia da vontade materna começaram a trabalhar numa das muitas casas de diversões da metropole do dollar.

Tiveram noticia da existencia de um theatro num dos bairros de New York, — East Sid — em distancia sufficiente para assegurar-lhes a ignorancia dos paes. Morando no West Side, não tinham direito de andar por ali, mas um amigo, Buddy Carroll, disse-lhes que se inculcassem como suas irmãs e para indicar o seu endereço, como sendo dellas.

E foi assim que ellas se tornaram Nancy e Terry Carroll.

Tornaram importantes amadoras profissionaes, e mudaram de theatro em theatro, sempre triumphantes, até que começaram a concorrer em varios melodramas a convite de varios empresarios. George White pede-lhes uma entrevista. Depois J. J. Shubert. Foi o ultimo que lhes dedicou um numero especial da sua revista "Passing Show of 1923"

E' quando a gloria começa a entremostrar-se radiosa e promissora para as duas Carroll.

As duas irmães procuram obter uma conferencia domestica, para auscultar a opinião paterna. Não seria possivel que a sua mãe viesse a conciliar com a sua ida definitiva para a vida do palco? Seria possivel consentir o seu pae a sua permanencia sob o tecto paterno se viesse a saber?

Nancy desejava imprimir logo uma nova feição no seu destino. Como ambas tinham occupações, o sr. Shubert proporcionava-lhes irem á noite aos ensaios, circumstancias desconhecidas dos paes.

Quando ellas chegaram em casa na Decima Avenida sua mãe desfazia-se em lagrimas e em indignação. Havia chamado a policia, telephonado para toda parte, dado busca nos hospitaes. Tiveram de confessar que haviam estado no theatro. Foram-se deitar sob uma atmosphera pesada de contrariedade e reprovação.

Entretanto, na sua alma de mãe estremosa não tardaria o momento em que a notoriedade crescente das filhas viesse enchel-a de uma alegria commovedora e orgulho justificado. O dia seguinte seria um domingo, e Anna Lafit, a mãe, na sessão de rotogravura de um jornal, deparou com uma grande e bellissima photographia da filha Nancy. Isso se deu algumas semanas antes de ella entrar na verdadeira evidencia e de conferencia com todos os seus.

NANCY CARROLL DISSE QUE SO' COMEÇOU A VIVER QUANDO SE CASOU...

A suas unicas palavras foram então: — Oh!... foram muito bons... muito bons mesmo... Atirou-se á aventura, á realização do seu sonho. O palco era melhor ao que o escriptorio. Sentia-se algo melhor do que uma secretaria particular, mas as suas aspirações, a sua ansia de ascensão vertiginosa não se detinha ahi, devia haver algo de mais importante ainda capaz de excitar um anhelo.

Ella deparou afinal com o "mais importante" quando se encontrou com um joven reporter do "New York News", denominado Jack Kirkland. Quando, algum tempo mais tarde, ella se casou com elle, teve então a opportunidade de comprehender que a sua vida havia começado. Abandonou o theatro algum tempo, mas voltou a elle no "The Passing Show of 1924".

Dansou até quatro mezes, antes de nascer o primeiro filho. A forçada inactividade constrangia-a. Nancy, que sempre fôra activa e diligente, não se podia subordinar ao imperativo daquella vida ociosa e, desse modo entendeu-se com o director do jornal em Jack era empregado, que publicava a "Old Glory". Elle a incumbiu de procurar entrevistar-se com todos os autores que ella conhecia, porquanto a ella não convinha, nem queria preterir todos os importantes papões dos bastidores e da caixa do theatro.

Ella entrevistou Hal Skelly e Fay Bainter e numerosos outros e, com a ajuda de Jack, escreveu para os jornaes artigos a proposito delles.

(Termina no fim do numero)

O que se exhibe no Rio

MAIS UM RETRATINHO DE GRETA GARBO NÃO FAZ MAL A NINGUEM. NÓS TODOS VIVEMOS A SONHAR COM GRETA GARBO. E ELLA ALIÁS, E' REALMENTE UMA MULHER DE BRIO. NÃO QUER FALAR... E TODOS DÃO RAZÃO, QUER VER? LEITORES, VOCES QUEREM VER OS FILMS DE GRETA GARBO OU OUVIR A AL JOLSON? EU NÃO DISSE? GANHÁMOS!

PALACIO-THEATRO

MULHER DE BRIO — (A Woman of Affairs) — M. G. M. — Producção de 1929.

E' um allivio a gente ver um film assim depois de tanta vulgaridade revelada nos "talkies". E' um film silencioso. E um grande film silencioso. E' verdade que não póde ser considerado como uma obra-prima de Cinema. Mas é um bellissimo film que não desmerece o talento directorial de Clarence Brown. Não é melhor, não é um trabalho sem defeitos devido unicamente ao final feliz, que foi preciso darlhe para contentar o grosso publico.

O seu thema não é novo. Tem é sido muito pouco explorado. E nunca foi tão bem aproveitado como desta vez. A personagem principal é — como não podia deixar de ser, tratando-se de um film da extraordinaria Greta Garbo — feminina. E' uma mulher de má reputação cuja vida é uma aventura amorosa após outra a partir do momento em que o pae do homem que ella ama a desillude do casamento. Mas até o seu ultimo alento conserva crepitando no coração a chamma do primeiro amor.

O scenario de Bess Meredyth não podia ser melhor. Dá ao film um desenrolar avelludado, agradavel á intelligencia dos "fans", porque se completa muitas vezes no cerebro delles. E' um trabalho moderno em que Bess põe a prova mais uma vez os seus profundos conhecimentos da grammatica do Cinema. Ella tratou com especial carinho do thema e das caracterizações que o ladeiam. Falhou no final. Mas esta falha, na verdade, não lhe póde ser attribuida, pois é certo que teve de obedecer aos dictames commerciaes da industria.

O trabalho de Clarence Brown é formidavel. E' um dos trabalhos de director mais perfeitos que tenho visto. Quasi não tem senões. Em todas as suas sequencias, ou melhor em todas as suas scenas nos detalhes atmosphericos, como nos symbos e nas subtilezas de composição, nos toques de caracterização como na maneira de descrever os sentimentos das personagens, em cada decimetro de celluloide; quasi, apparecem os traços caracteristicos da direcção do notavel cineasta Clarence Brown. "Mulher de Brio" tem phases de um valor cinematico incalculavel só devidas ao talento directorial de Clarence. Os caractéres centraes são accentuados admiravelmente desde as primeiras scenas. Os seus temperamentos, a indole que caracteriza cada um, os seus sentimentos, as lutas que se travam nos seus cerebros, tudo, tudo é mostrado em imagens de uma photogenia sem igual e com uma clareza deliciosa. Os angulos, a movimentação, a representação sóliria, visivelmente controlada em todos os sentidos, as subtilezas psychologicas da representação — é tudo obra de Clarence Brown. O final prejudica muito a belleza e a homogeneidade da sua obra. Mas como Bess elle tambem não tem a menor culpa no caso. Limitou-se a obedecer.

O caracter de Greta Garbo é um dos mais bellos e audaciosos estudos psychologicos que o Cinema já deu. Clarence delineia-o com uma firmeza incomparavel. O de Douglas Fairbanks Filho é outro traço forte de caracterização. O de Dorothy Sebastian é fino e delicadamente sentimental. O menos importante é o que cabe a John Gilbert. O director não lhe dá muito desenvolvimento. Aliás, todos os caracteres giram em torno do de Greta Garbo. O film é um admiravel estudo psychologico de uma mulher independente. As outras figuras umas são novas tintas para accentuar e aprofundar mais ainda o caracter central, outras são menos motivos ou para augmentar as qualidades populares do film ou para lhe dar um desenvolvimento menos fatigante.

A angulação do film é um dos seus aspectos de mais valor. Existem angulos tão bem escolhidos que augmentam de muito o interesse e o valor da imagem.

A atmosphera européa está admiravelmente construida, com especialidade a ingleza.

O film soffre um pouco pela sua falta de unidade de tempo e espaço. Mas isto não chega a compromettel-o. O que o prejudica e muito é o final soprado pelo productor. Logicamente devia terminar no hospital. Assim porém não o entenderam os industriaes da M. G. M. Elles preferiram sacrificar a logica e entortar as caracterizações a contrariar apenas um pouquinho o publico. Francamente assim já é fazer pouco caso da intelligencia dos "fans".

Greta Garbo tem aqui um dos seus mais maravilhosos desempenhos. O seu trabalho é uma perfeição e tambem um formal desmentido aos que a accusam de ser apenas uma mulher, de muito "sex" e um figurino vivo. John Gilbert em todo o decorrer do film é de uma discreção a toda prova. Elle nem méxe com os braços. O director prendeu-o por tal fórma que elle chega a ser um automato uma figura de composição apenas é um dos motivos principaes para o estudo traçado com Greta Garbo. E' de admirar como acceitou o papel. Só si foi para ter o prazer de beijar os labios de Greta mais uma vez... Lewis Stone é de uma sympathia captivante. John Mack Brown trabalha pouco. Serve apenas para dar um tom de tragedia na vida da personagem principal. Douglas Fairbanks Filho tem um bello trabalho. Elle completa a tragedia com John Mac Brown. Dorothy Sebastian encanta. E' o sorriso de ingenua na tragedia de uma mulher. Hobart Bosworth não desmerece do resto.

E' um allivio a gente ver um film como este numa época como esta. Não o percam!

Cotação: 7 pontos. — P. V.

OURO REDEMPTOR — (Tide of Empire) — M. G. M. — Producção de 1929.

Essas historias da conquista do ouro na California já estão ficando fóra da moda. São sempre as mesmas figuras convencionaes que apparecem — a heroina, donairosa "senorita", filha de um D. José qualquer; o heroe, bravo e robusto "yankee"; e uma caterva de bandidos sem entranhas, que, pelo geito como são mostrados, devem ter nascido para cavar o ouro e matar os semelhantes. Ora, isto tudo sommado a mais uma corrida de cavallos, que decide da sorte dos heroes e um irmão da heroina reposto no caminho direito pelo heroe, formam uma das receitas mais empregadas pelos studios de Hollywood. Tudo muito vulgar. Renée Adorée e George Duryea não desmancham a má impressão. Nem tampouco George Fawcett, William Collier e Fred Kohler.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

IMPERIO

ALMA DA FRANÇA — Producção de 1928 — (Agencia da Paramount).

Os francezes sempre acharam os "yankees" uns imbecis de muito bôa marca. Com certeza foi ainda esta opinião que levou os productores desta pinoia a produzil-a. Elles viram todos os films de guerra produzidos em Hollywood. Gostaram muito de "The Big Parade" e admiraram com especialidade "Quatro Filhos". Resolveram reunir numa historia da Guerra um bocadinho de cada um delles dois e umas gottas dos demais. E conseguiram fazer "isto"... Eu acho que no Brasil mesmo que quizessem não conseguiriam fazer cousa semelhante. No genero de guerra é a cousa mais sem geito que já vi. A historia foi preparada com ferramentas. As situações são forçadas. Só tem scenas para causar effeito com sentimentalismo do mais piégas. Chega a ser ridiculo por vezes. O elenco é enorme mas não tem uma unica figura que se salve. Jean Murat, Michely Morly e M. Desjardins entre outros são os seus componentes.

Cotação: 3 pontos. — P. V.

PATHÉ-PALACIO

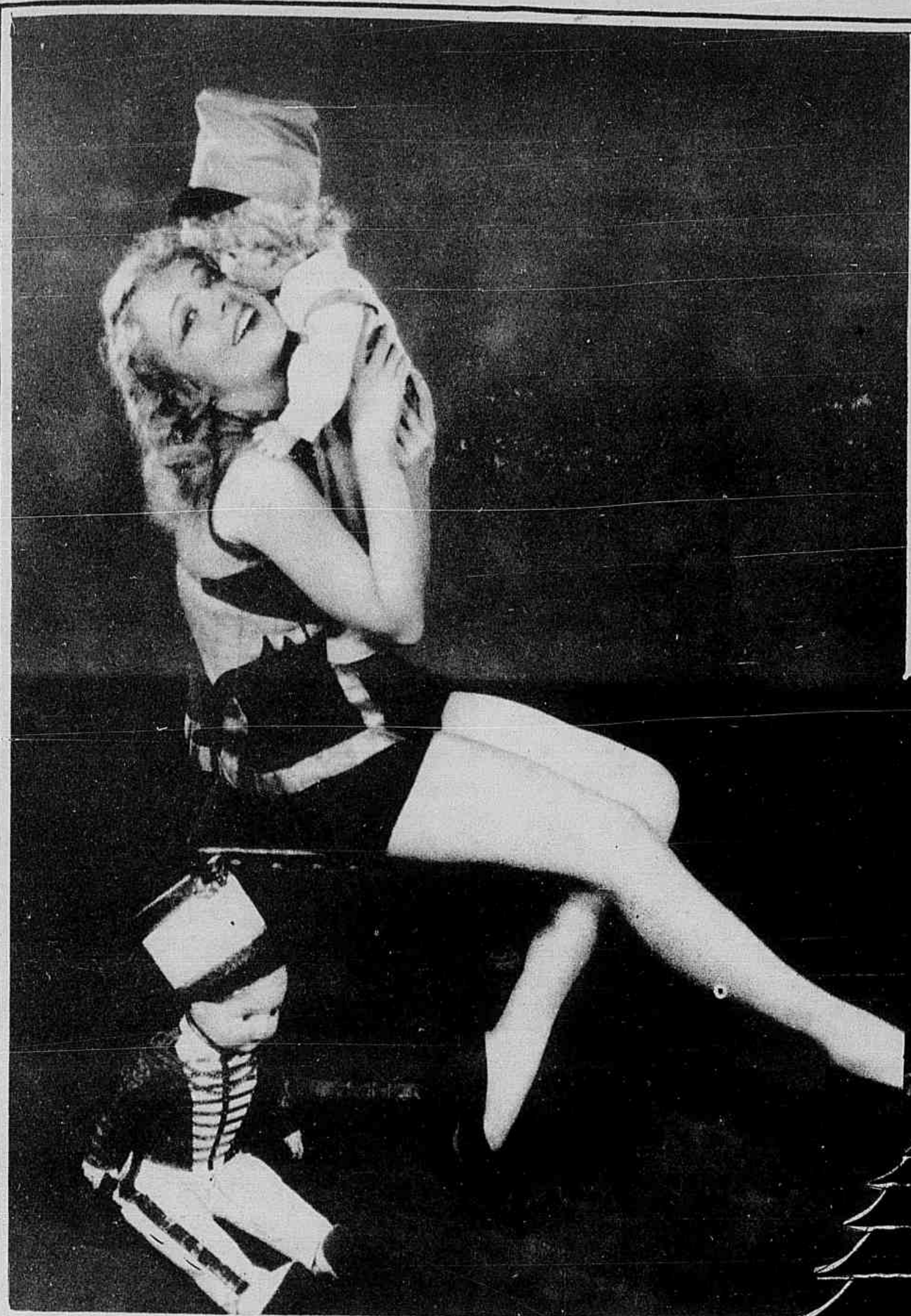
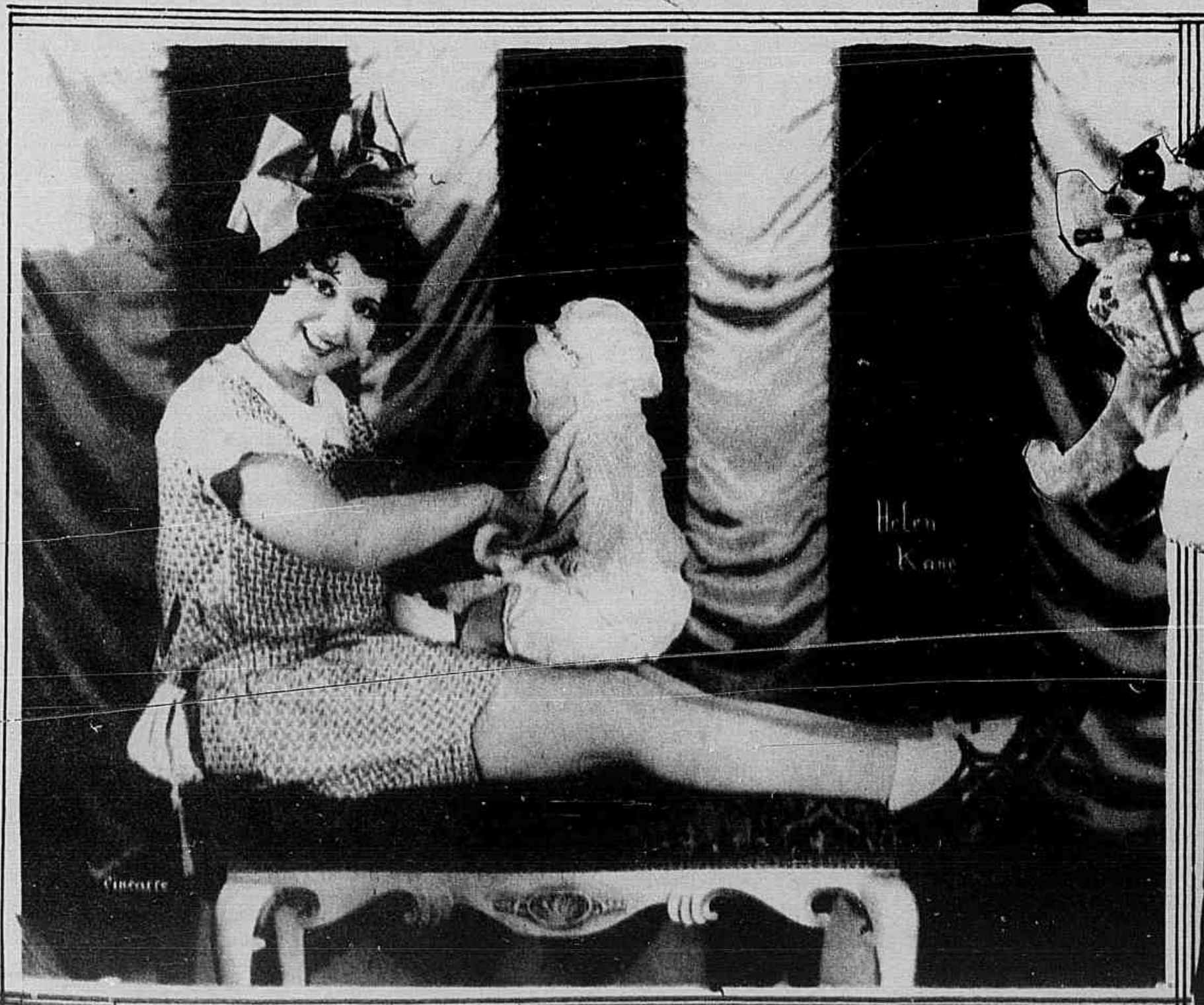
O CANTOR DE JAZZ — (The Jazz Singer) — Warner — Producção de 1927 — (Prog Matarazzo).

E' este o famoso film que desencaminhou os productores "yankees". Depois que viviam esta "droga" é que elles decidiram esquecer e por de lado toda a maravilhosa technica do Cinema silencioso. E' um film cacetissimo. E tanto mais quanto no Brasil o tal de Al Jolson, que até parece ter aprendido a cantar no palco do antigo Central, não significa cousa alguma fóra da téla. Para os "fans" do Brasil elle nunca passará de um pessimo artista cinematico e um typo mediocre. A historia de que elle, Al Jolson, se serve para mostrar as suas "habilidades" é uma das mais convencionaes que existiam nos archivos de convencionalismos fóra de moda da Warner. E' de uma ingenuidade de pasmar. A direcção de Alan Crosland está abaixo de toda critica.

Para mim elle só se preoccupou em registar as canções de Al Jolson. E' um film que não se póde tomar a serio, seja lá qual fôr o aspecto sob o qual a gente o encare.

(Termina no fim do numero).

Bonecas de Natal

BILLIE DOVE

ANITA PAGE

COLLEEN MOORE

Daqui ha dez annos

(F I M)

theatro tal como estamos caminhando para um outro typo de Cinema apropriado ao film falado, o qual será enormemente differente das casas desmesuradamente grandes que hoje são necessarios para as producções visuaes".

Fred Niblo, que dirigiu "Ben Hur", vislumbra na pratica do radio e nas rêdes de *broad casting*, uma nova forma possivel do Cinema de amanhã.

"Instituir-se-ão, suggere elle, Cinemas registros nas grandes cidades, onde se exhibirão os films falados em condições ultra perfeitas, com absoluta perfeição de projecção das imagens e reproducção dos sons, observando-se ao mesmo tempo, na passagem do film, as pousas intersticiaes necessarios para as manifestações provocadas pelo espectaculo no auditorio — risos etc.

"Então, mediante remoto controle, os projectores e reproductores, em todos os cinemas pertinentes á rêde ligada áquelle projector mór, funccionarão synchronicamente. Em outras palavras: os cinemas, tal qual as rêdes de radio, serão controlados de uma estação irradiadora central.

"O resultado será que em cada Cinema os espectadores manifestarão as mesmas reacções. Quando se produzir qualquer coisa engraçada na téla, elles ouviram as risadas do auditorio no Cinema centro e rirão tambem.

Nada mais contagioso do que o riso.

Nem sempre a graça é engraçada para todos, mas o riso é communicativo. O mesmo acontecerá com as outras manifestações".

Tod Browning, director das fantasmagoricas fantasias de Lon Chaney, por vezes cognominado "O Edgar Poe da Téla", concorda em parte com Niblo, mas adianta-se mais ainda. Elle tem feito experiencias com a televisão, e acredita que a producção em uma rêde de Cinema se fará por meio do radio e da televisão.

Niblo é de opinião que isso será utilizado mais nas residencias particulares, do que nos Cinemas. "Eu penso que esse aperfeiçoamento será usado nas casas, com assumptos curtos e programmas variados, muito analogamente aos programmas actuaes", diz elle, ao passo que as longas representações serão reservadas ás casas de cinema.

"O Cinema, opina Browning, póde ser constituido de quatro paredes, cada uma das quaes representa uma téla, tendo atraz de si a installação falante, de forma que as palavras e os sons possam ser localizados, visto que essa localização parece ser um dos problemas que mais preoccupam os actuaes technicos".

O ponto de vista economico, segundo declara George Hill, que dirigiu "Asas gloriosas" e outros films, influenciará decisivameite para uma mudança radical na construcção dos cinemas nos proximos dez annos.

"Afinal de contas, diz elle, os milhões empenhados nos cinematographos não poderiam absolutamente ser sacrificados em tão pouco tempo assim. Ha dez annos passados os Cinemas não eram tão differentes do que são agora; possuimos Cinemas maiores e mais luxuosos, eis tudo. São ainda installados em edificios de padrão apropriado, e dado o capital empregado inicialmente nessas edificações torna-se imposivel abandonal-os. Não se podem dispender grandes sommas sem um rendimento razoavel, por isso creio que as mudanças radicaes dos actuaes cinemas só se farão muito lentamente.

"Apparecerão novos typos de cinemas, considerados novidade maior ou menor, nas grandes cidades, mas será preciso muito tempo para que se modifiquem os Cinemas das pequenas localidades. Receberão sem duvida muitos melhoramentos, mas as estructuras basicas não se modificarão emquanto aquelles que têm os seus dinheiros compromettidos no negocio não possam ver claramente os resultados dos novos emprehendimentos".

"Qual a necessidade, afinal, de termos o Cinema? pergunta Clarence Brown, que antes de se fazer director era engenheiro mecanico. Como questão de facto, a téla é uma coisa inteiramente desnecessaria".

Brown acredita que possivelmente os Cinemas terão os films projectados de varios pontos, focalizando-se todas as imagens num mesmo determinado ponto.

"A téla será o proprio espaço, as imagens serão produzidas pela convergencia de raios luminosos, directamente num ponto do espaço.

Dahi resultará uma photographia em tres dimensões, ou imagem estereoscopica, com o som produzido por alta-falantes occultos, exactamente, talvez sob o palco no qual esses phantasmas luminosos são projectados. A illusão dos phantasmas do palco, suggeri não talvez a forma dessa realização. Esses phantasmas da camara terão peso, volume e respiração como seres vivos".

A filmagem se fará em Studios de genero bem differentes dos actuaes, opina Brown. Os actores trabalharão no centro de um circulo de camaras e microphones, sendo filmados ao mesmo tempo de todos os pontos do circulo. Naturalmente tambem a projecção será feita por projectores dispostos em circulo, e cujos raios inflectindo no mesmo ponto se reunirão numa só vista que reproduzirá a imagem do artista — por todos os lados tal como foi photographado.

"Ha annos atraz nos chamariam doidos, si falassemos em televisão", observa Brown, e accrescenta que de futuro talvez os films deixem de existir, sendo substituidos por artistas mecanicos accionados por electricidade e dirigidos por um controller de televisão. A esse respeito, observa maldosamente um director, que o Cinema já possue uns poucos actores mecanicos. Mas a pilheria não é tanto pilheria assim, quando se considera o caso de "Eric".

"Eric" é o nome dado ao personagem de ferro e aço, creado pelo capitão William H. Richards, de Londres. Esse homem mecanico anda, fala, responde a qualquer pergunta que se lhe faça, faz uso dos braços e pernas, move os olhos e a bocca e faz, dentro de certos limites, o que se lhe manda.

O capitão Richard affirma que seria capaz de fazer um boneco desses com a faculdade de expressões physionomicas. Segundo noticia publicada pelo "Times", de Londres, "Eric" é constituido de aluminio, cobre, aço, de aromas e dynamos e movido por electricidade. Emquanto que para andar requer apenas 12 volts, para falar precisa de 3.500.

O boneco diz a sua edade, conta até dez, responde a perguntas e realiza outros actos curiosos.

Taes homens-machina, de rostos modelados cuidadosamente, e bem vestidos, poderiam ser empregados na representação, recebendo os movimentos da mesa de "Switches" do director, manobrados por technicos, falando, gesticulando, realizando, emfim, tudo quanto faz um artista. Quem sabe?

A opinião generalizada é que no theatro do futuro não existirão mais o palco nem o local da orchestra. Harry Beaumont, que dirigiu "The Broadway Melody", e J. J. Robbins editor musical que publicou as musicas desse film, são accordem em affirmar que no poço da orchestra a musica perde grande parte do seu valor, tornando-se por isso necessario que se descubra um meio de trazer a orchestra dos Cinemas acima da cabeça dos espectadores. Talvez que se adopte para isso uma installação de alto-falantes, que levarão a esse ponto as vozes da orchestra occulta atraz da scena.

Isso com relação á musica dos prologos e das representações pessoaes no palco; porque no caso do film falado a musica partirá do mesmo falante situado atraz da téla e que produz a voz dos artistas.

"Crear-se-á, sem duvida um novo typo de altofalante para o Cinema falado", declara Douglas Shaerer, engenheiro acustico e irmão da famosa Norma Shaerer. "O actual systema de um enorme trombone ou ultra-potente "speaker" é o melhor que conhecemos actualmente, mas sem duvida se descobrirá outra coisa.

"Será talvez uma téla falante. Uma empresa allemã occupa-se neste momento da fabricação de um alto-falante composto de uma membrana de borracha com granulações de carbono, cuja cohesão impulsionada pela electricidade, descarrega uma vibração que se transmitte a toda a téla, fazendo-a emittir o som. Ora, uma enorme téla submettida a tal processo resoará sem o uso do trombone, e semelhante systema virá por certo resolver muitos dos problemas relativos ao som que ora defrontamos".

Ring Vidor enclina-se ás mais importantes modificações a esperar dentro dos proximos dez annos, referem-se mais aos novos methodos do drama do que na sua reproducção nos Cinemas. Elle admitte que serão inevitaveis grandes mudanças na parte mecanica, mas hesita em predizer quaes serão estas.

"O meu interesse é fazer bons films e detesto essa coisa de me preoccupar com os detalhes mecanicos, que os technicos têm mais competencia para resolver do que eu, diz Vidor. Mas não ha duvida que assistiremos a radicaes modificações quanto á technica relativa ao modo de se fazer a narrativa na téla".

Lionel Barrymore, director de "Madame X" e de outras importantes peças, diz que os fantasticos apparelhamentos mecanicos para representações bizarras podem constituir novidade, como no caso de "Mima", a producção de Blasco, em que se vê uma alma no inferno a passar atravez de uma especie de "analyzador" mecanico.

"Mas, afinal, a emoção e o drama dependem da maneira directa de se narrar a historia, accrescenta elle. Para se attingir a consciencia do auditorio o caminho mais efficiente será sempre a linha mais directa — a linha recta.

Eu acredito que a photographia colorida com perfeição (em cuja troça nos encontramos) uma reproducção do som mais aperfeiçoada, localizada, e a photographia estereoscopica, nós nos approximaremos da natureza, da vida real, tanto quanto for possivel na téla. Os resultados dependerão da engenhosidade dos seus confeccionadores. O palco fez-se mais "directo" nos ultimos dez annos. O mesmo fará o Cinema. Mas eu acredito que isso não será por meios fantasticos, mas logicos.

Cinema Brasileiro

(F I M)

Vi, numa mesma sequencia, elle apanhar dezeseis e de deseseis até vinte e quatro quadros por segundo, para mostrar como a sua machina podia mudar de velocidade!

Dos artistas, o melhor trabalho, pela sobriedade, é de Ronaldo de Alencar. Bem adaptado, movimentando-se com naturalidade, e sem preoccupação com a camera. Celso de Montenegro é melhor typo, mas já não tem tanta naturalidade. Nota-se que está posando, em algumas attitudes estudadas. Não teve direcção.

Ruth gentil é interessante, mas nada familiarizada com o olho da camera. Movimenta-se como uma automata, e nota-se que a sua maior preoccupação é ouvir as ordens do director. Elemento bom e esforçado, isto passará, sem duvida, noutra producção, pois assim mesmo agradou, apesar de pouco adaptada ao papel e da falta de direcção.

Elisa Betty está dentro do papel, porém a camera e a falta de direcção tambem, matou o seu desempenho.

Emilio Dumas é um dos que vão melhor. Representa em algumas scenas, em vez de sentir.

Iris Thomas pouco faz, idem Leão Ribeiro, e Carlos de Avellar. Amadeu Vidal esteve lhor como o Amadeu Bellucci de "Filmando Fitas Sua caracterização de Belchior está theatral, e o seu desempenho resente-se do mesmo mal.

Alfredo Roussy não está igualmente caracterizado cinemathographicamente. E o seu desempenho é exaggerado, theatral.

Onde "A Escrava Isaura" se revelou um grande film, foi nas montagens e na endumentaria.

Bôas todas ellas, e espaçosas. E todas foram construidas especialmente para o film, no velho Studio da Visual.

A scena do baile, pelo seu ambiente e pelo numero de pessoas que nelle tomam parte, é o maior e a melhor scena do genero em films brasileiros.

E se levarmos em conta os trajes da época que os artistas e os figurantes apresentam, temos que confessar que não esperavamos tanto.

Mesmo assim, acho que não deviam alongal-o

tanto. "A Escrava Isaura" marca um dos maiores esforços em prol do Cinema Brasileiro.

E se devemos admiração a todos quantos se empenharam na sua confecção, o que não dizer de Isaac Saidenberg, seu productor, que durante oito mezes controllou todos os trabalhos da producção, sem desanimar e vendo seu orçamento de despesa ser mensalmente ultrapassado. E ainda mais, se soubermos que foi esta a sua experiencia no Cinema.

Saidenberg deve proseguir. Elle agora já tem melhor orientação sob as nossas possibilidades e poderá vencer muito mais facilmente.

E' mesmo, dos nossos productores, o que mais facilmente se ambientou, e tem comprehensão do modo como se deve agir para implantar definitivamente o nosso Cinema Industria.

Que o successo que vem tendo a sua producção de estréa, a mais auspiciosa e a mais promettedora que já teve qualquer outro productor, lhe sirva de estimulo, e que nós possamos contal-o e a todos os elementos que elle lançou com "A Escrava Isaura", no proseguimento deste ideal bonito que é o Cinema Brasileiro.

Ramon Novarro não conhece o amor

(FIM)

tractado para fazer o mesmo papel, tinha a convicção de que eu, sómente eu faria "Ben-Hur". Isso me havia sido dito por um poder muito mais alto do que aquelles que produziam o film.

"O que é nosso ás nossas mãos ha de vir. "Ben-Hur" me pertencia. Assim ficou provado.

"A minha segunda experiencia, occorreu certa tarde de sol luminoso.

"Nesse dia eu morri, tenho disso a certeza.

"Eu ensaiava para um certo trabalho expressionistico com Marion Morgan e as suas dansarinas. A minha parte ficára confiada ao meu proprio criterio interpretativo. Tratava-se de uma scena de suicidio, de estrangulamento pelas minhas proprias mãos. A um canto do palco, emquanto as outras se occupavam nos seus misteres, eu sentado, passei as mãos em torno do pescoço e puz-me a balançar o corpo para traz e para deante, rythmicamente, afim de realizar a illusão que eu pretendia.

"Foi então que os meus dedos começaram a apertar-se em volta da garganta, cada vez com mais força, sem que nisso entrasse a minha vontade. Eu absolutamente não pensava em outra coisa sinão em lograr o effeito que me esforçava por produzir.

"E então, subitamente, eu senti uma força, um espirito, um corpo immaterial que fazia parte do meu ser, esforçando-se por desvencilhar-se, lutando penosamente, convulsivamente, para libertar-se, para escapar do meu corpo. Depois essa coisa conseguio o seu intento, deixou o meu corpo, e poz-se a elevar-se, a elevar-se mais nos ares.

Parecia encher todo o espaço do palco, todo o theatro. Era uma coisa immensa, que invadia tudo. E a minha consciencia passára-se para aquelle corpo astral, ou que melhor nome tenha. Eu contemplava o meu corpo material, immobilizado, no chão, e, estranho!, não o reconhecia. Não distinguia se era um corpo de homem ou de mulher. Sentia de um modo vago que entre mim e aquelle corpo havia uma relação, uma affinidade qualquer, mas não saberia dizer qual era.

Depois então, gradualmente, como si compellido por uma força succora, imponderavel mas terrivelmente poderosa, eu senti aquella immensa coisa que era eu mesmo, arrastada para baixo, do corpo que ali estava — contra a minha vontade — e com o mesmo penoso esforço com que sahira — como uma coisa immensa que se quizesse forçar pelo estreito gargalo de uma garrafa — procurar voltar ao logar primitivo. E quando se completou a fantastica operação, readquiri de novo a minha consciencia.

Ninguem ali percebeu que eu havia morrido, nem jamais ninguem o soube.

"Faz pouco tempo que perdi meu querido e adorado irmão. Nunca se communicou commigo por qualquer manifestação material. Nunca ouvi a sua voz nem recebi delle nenhuma mensagem directa, embora tenha tentado isso. Mas eu sei que elle está sempre junto de mim, auxiliando-me, guiando-me.

"Não preciso ouvir a sua voz, nem vel-o com os meus olhos. Sempre que me encontro em duvida sobre qualquer resolução, invoco o seu auxilio e a duvida logo se desfaz.

"Mesmo em casos insignificantes, como perder ou não saber onde deixei um objecto, penso nelle e acho o que buscava. Onde havia a perplexidade faz-se a clareza; onde reinava a apprehensão e a perturbação de idéas, volta a serenidade. Para mim, basta saber que elle está sempre commigo".

As estupidas e grosseiras contingencias da vida terrena muito pouco influem em Ramon Novarro. Elle vive nas regiões da espiritualidade.

Ramon nunca experimentou essa paixão humana que se chama amor, e não acredita que jamais tal acconteça. Elle se compraz em vez o amor dos outros; acha-o bello. Mas para ella existem outras bellezas — e estas não se contendem com a mulher nem com as coisas do mundo.

De S. Paulo

(FIM)

Belmonte. Francamente, não entendi. Sei, apenas, que o scenario é de Arimondi Falconi. Mas quem é o director? Na opinião, sinceramente, é outro erro. Temos, já que ha uma visivel inclinação pelos romances, quando, cousa usual, é escrever-se um thema especial para um film, um ról de romances Brasileirissimos e admiravelmente delicados. Porque ninguem pensa nelles? Por causa de direitos autoraes? Mas não são grandes! Elles, afinal, não cobrarão mundos e fundos para tal direito. E, demais a mais, se fôr uma adaptação perfeita, até elevará o conceito e a fama do romance! Nada de filmar esses archaicos romances cujos themas já cahiram no dominio publico! Arlindo Amaral já encontrou difficuldades com o seu singelo film "Piloto 13". Vae agora se metter com uma adaptação de uma obra "immortal"?... Póde ser que me engane. Mas não acho que seja esta uma medida sã. A menos que seja esta uma prova para dar o attestado de artista ao melhor "Don Quixote" que se apresentar aos "tests"...

Na minha opinião, devemos, antes de mais nada, mostrar films em 7 partes, no maximo, com argumentos simples e delicados. Historias sentimentaes que mostrem os habitos bonitos de nosso povo. Films que mostrem o nosso cultivo, a nossa educação, o nosso caracter, "standardizando", assim, como os norte-americanos fizeram, o typo do Brasileiro pelo factor film. E isto bem é impossivel e nem improvavel. Mas se os productores paulistas continuarem neste passo, acabam, mesmo, é filmando "Os Mysterios de Paris", os "Bandidos de Berlim", "Guttierre, o "Toureiro de Sevilha", "Nicóla, o salteador da Calabria" e, nesse passo, todos os themas estrangeiros possiveis de se arranjar. A menos que vejam que andam errados e que deixem de fazer films para a colonia estrangeira que nos honra com a sua permanencia entre nós mas que, em absoluto, pódem agradar o publico genuinamente Brasileiro!

Já existem, para o concurso do "Diario de São Paulo", umas 10 provas. E, segundo parece, não são, todas, destribuidas de interesse. Isto é muito bom. Porque, assim, aos poucos, vão-se illustrando patricios nossos approveitaveis, num novo genero de literatura e que, por certo, com o futuro que se divisa para o Cinema Nacional muito poderão fazer pelo mesmo. J. Canto e Medina tiveram uma bonita idéa. Na minha opinião Medina não devia ter offerecido uma sequencia, apenas, para analysar em continuidade e, sim, o thema todo do film. Isto sim é que seria magnifico.

Rosa da Islandia...

(FIM)

Foi quando, quasi que instantaneamente nasceu a grande idéa.

Partiriam para Pariz! Nancy daria lá a luz ao filho e Jack escreveria a "Great American Novel".

Um filho e uma novella em Pariz!

Balancearam as finanças. Por uma especie de milagre haviam ganho mil dollares.

Era mais que o sufficiente para uma vagabundagem agradavel!

Jack communicou ao director do seu jornal o proposito de resignar o seu cargo para ir viver algum tempo em Pariz.

— Pois não, disse Payne, para o logar que vae posso até lhe arranjar uma occupação.

E arranjou-lhe um logar de correspondente com uma remuneração de 350 dollares por semana, com as dispezas por conta delle e de sua esposa.

Viveram com um conforto e brilho realengo, na grande Cidade Luz. Deram entrevista a todos os importantes jornalistas no Bar "Ritz" e dirigiram-se para uma rua lateral, affectando modestia. Nancy havia idealizado isso tudo projectando dar á luz seu filho em Pariz.

Havia mesmo mandado reservar um apartamento numa casa de saude, mas alguns americanos aconselharam-na a voltar a New York, onde se devia occorrer o parto. Compraram passagem de volta.

Nancy procurou um especialista justamente algumas semanas antes do filho nascer e elle examinando-a, tranquillizou-a, declarando ausencia de perigo.

Deste modo Patsy tornava-se um filho carissimo. O seu nascimento custou as economias dos paes. Quando nasceu se lhes haviam exhaurido todos os recursos pecuniarios.

Em virtude disso Nancy teve que voltar ás velhas lides do palco e Jack ao antigo emprego no "News".

Jack lutou com affinco. Escreveu por aquella época para as representações nos "Nights Clubs".

A attracção do desconhecido volta a seduzil-os, e vel-o-emos numa nova phase da vida empenhados numa nova aventura.

Ora, Jack havendo ganho dinheiro com producto das suas producções adoptadas ao cinema começou a desinteressar-se dos salarios da imprensa. Desejavam partir para a California. Jack achou escasso o dinheiro ganho no cinema, afinal emquanto Nancy voltava ao palco.

Participou num pequeno melodrama, chamado tambem Nancy. Macloon, vendo-a, enthusiasmado, contractou-a por tres annos.

Durante este tempo se submetteu a duzias de "tests". M. G. C., First National, Warner Brothers, Universal, do que nada resultou. Jack conseguiu logar como escriptor da Paramount.

Por ultimo um "test" favoravel veiu ao seu encontro e ella trabalhou então num film da Fox.

Mas um contracto com Macloon a manietava e ella teve de se desembaraçar primeiro delle antes de trabalhar em "Rosa da Irlanda", assignando então um importante compromisso.

Nesse meio tempo ella procura arguciosamente auxiliar Jack.

Quando elle voltou a New York para compor o seu drama "Frankie and Johnnie" ella, com Patsy, fez o maior esforço para proporcionar-lhe a realização do seu intento, e quando elle voltou ella sentiu-se então mais feliz.

Não vem ao caso saber o tempo em que convivem juntos. São felizes. De decepção em decepção, de obstaculo em obstaculo, os seus sonhos de felicidade e gloria vão se realizando, com felizes surpresas e imprevistos agradaveis. Nancy crê em Deus, no amor, e o casamento para ella não constitue um liame oneroso, nem uma imposição social a que a gente se submette com constrangimento como um "ukase" tyranico do destino.

"Em primeiro logar sou uma irlandeza catholica, diz — ella, como a minha mãe, e se Jack desejar que eu abandone o meu trabalho, para me tornar uma esposa inteiramente dedicada aos affazeres domesticos e crear dez filhos como Patsy, obedecel-o-ei".

Mas o que ella vem a ser, na realidade, é uma rebelde, digamos. Ella faz o que deseja e o consegue com o esforço individual. Ha annos passados, quando ainda garota, trabalhava, para se manter,

(*Termina no fim do numero*)

O verdadeiro Clive Brook

(FIM)

fascinação do encontro, embora seja um homem inaccessivel. A respeito da sua intelligencia curiosa, a sua seducção reside na sua maneira excentrica. Elle conhece a arte de ser "moda antiga", de ser prestativo e cortez. Ha em Hollywood uma jornalista que sempre que póde, não deixa de visitar o Studio, quando Clive Brook se acha trabalhando numa producção. Si elle apparecesse no Studio com assiduidade, muita secretaria seria despedida, por que estas conhece o verdadeiro Clive Brook.

E' notavel a extrema consideração que elle tem para com todo mundo.

"Em vez, por exemplo, de fazer que os jornalistas que vão entrevistal-o se submettem á sua hora, é elle que se põe á disposição dos representantes da imprensa, e é sempre pontual e trata-os com a maior defferencia.

Brook é actor porque sempre gostou do theatro, mas ainda agora seria difficil dizer como se orientou ella para a carreira cinematographica. Brook declara que não dispõe absolutamente de um rosto bonito. Póde ser, mas no traço energico do seu queixo, no talho voluntarioso da sua bocca, no seu nariz rectilinio e na forma quasi quadrada do seu rosto, uma expressão de calma e de franqueza que impressiona a todos. O seu olhar agudo penetra como um dardo o interlocutor, e dir-se-ia que elle é capaz de lêr no pensamento alheio. A impossibilidade da sua physionomia nunca revela os seus sentimentos.

Cada linha do seu rosto tráe a decisão do seu espirito positivo. Clive Brook teria vencido em qualquer campo de actividade, mas nunca lhe passou pela cabeça outra coisa sinão representar. A sua aspiração foi sempre a conquista da sua felicidade e do triumpho, o que elle sabe constituir uma combinação assaz rara. Elle colloca a felicidade antes do successo, pois sabe que um triumpho sensacional destróe a felicidade, e por isso tratou de subir vagarosamente, com cuidado, protegendo a sua felicidade. Grande parte da sua personalidade reside nas suas roupas, coisa que talvez muita gente não tenha notado. Elle as faz, visando esse resultado. Vae nisso ainda um traço da sua modestia. Comprehende tambem que a attenção do auditorio deve estar focalizada no seu rosto e particularmente nos seus olhos, e elle se veste de accordo com essa idéa. As suas roupas são todas feitas pelo seu alfaiate em Los Angeles. Não são nunca de côres neutras; cáem bem e são correctamente ajustadas. As suas camisas e gravatas, vêm da Inglaterra. Clive usa um só typo de collarinho, desenhado por elle. Os sapatos, elle os recebe tambem do seu paiz. Com os chapéos elle tem extranhas experiencias. Compra provavelmente uma duzia delles por anno que nunca põe na cabeça. Isso é uma consequencia dos caixeiros faladores, que lhe impingem a mercadoria, quando, ás vezes, lhe vem a idéa de ir a uma loja em procura de algum modelo novo. Acaba sempre comprando um, que não usa. Os seus chapéos são feitos na Inglaterra e elle usa-os de maneira diversa de todo mundo em Hollywood — quebrados sobre o olho direito á maneira caracteristica ingleza.

Clive Brook é daquelles artistas que, quando se encarregam de um papel, estudam conscienciosamente o personagem que têm de interpretar, procurando identificar-se com elle, afim de dar uma representação correcta.

Ao se inaugurar o film falado em Hollywood, Brook apercebeu-se de que havia gradativamente perdido os seus dotes vocaes, pois no drama silencioso elle mal abria a bocca para pronunciar os dizeres (legendas) afim de que a attenção do auditorio se concentrasse toda nos seus olhos. Hoje, o seu problema consiste em não desviar essa attenção dos olhos com a movimentação dos labios e ainda assim pronunciar claramente as palavras. E' conseguiu o seu intento.

O grande interesse da vida de Clive Brook concentra-se nos seus dois filhos — a pequena Faith, de oito annos, e Clive Jor de dois annos e meio, que passam a maior parte do tempo na casa de Brook, á beira mar com seus paes e uma governante.

Sua mãe veste-os como dois bonecos.

Clive Brook com toda a familia esteve recentemente em visita á sua patria, onde foi recebido com honrarias especiaes. Foi a primeira vez que elle ali esteve, desde que veio para os Estados Unidos, e acha que não poderá repetir o passeio, sinão daqui ha tres ou quatro annos.

Nos seus annos de America, Brook tem adquirido varias idéas a respeito do "screen". Na sua opinião Chaplin é o maior actor da téla. E' um appologista do cinema falado e acha que a belleza passou a ter pouca significação em Hollywood desde o advento das camaras aperfeiçoadas e dos effeitos da luz electrica; o que importa verdadeiramente são a capacidade mental e a voz do artista. Acha admiravel a facilidade com que Clara Bow salta de uma scena de comedia jocosa para uma dramatica, na qual os seus olhos vertem lagrimas de verdade. Declara que Baclanova é craatura dynamica e surprehendente — uma das maiores artistas da America. Para Mary Brian della prophetisa um grande futuro.

Mas, embora viva ha cinco annos em Hollywood, Brook não acha nada o que dizer a seu respeito. Entretanto tem sido "featured" em tantas producções, quantas poderiam ser attribuidas a um artista nesse espaço de tempo. Clive elevou-se gradual e silenciosamente, até alcançar o zenith em que brilha, e a sua popularidade e correspondencia de "fans" o acompanharam nessa ascenção. A téla o contará em seus films provavelmente, por muitos annos. O publico não se cansa do seu typo. Clive é um retrahido, fala com pronunciado accento e é sempre elle mesmo. E isso quer dizer alguma coisa.

Viola Dana e Shirley Mason

(FIM)

mada com o nome de Viola, foi simplissimo para Eleanor Gates, autor do "THE POOR LIT- THE RICH GIRL", escolher o euphonico e distinctivo sobre-nome de Dana. Mas no caso de Shirley a coisa foi muito seria. O seu nome era Leonie, e Leonie Fulgrath era muita coisa para os letreiros luminosos. Shirley tinha sido escolhida para "leão" numa serie de films de cinco partes intitulada "Os Sete peccados mortaes". Esta serie produzida pelo antigo studio Edison, e o lançamento do nome Shirley Mason custou os esforços empregados da direcção do Studio a do conselho da familia Fulgrath.

O zenith da carrera de ambas foi respectivamente attingido ao mesmo tempo, porem sob bandeiras diversas. Viola Dana foi durante varios annos uma artista comica popular nas suas comedias. A pequena Shirley, mais seria que a irmã, encaminhou-a para o drama, mas accidentalmente figurou como vedetta numa serie de peças jocosas, em que fazia papeis de heroina assucarada. Mas acabou rebellandose e seguiu as pegadas triumphantes da irmã, Vi no campo dos francos atiradores.

Como era de esperar, Vi e Shirley mostraram-se tão livres e independentes na formação da sua carreira como o são por natureza. Ellas sempre escolheram os seus papeis, trabalhando com todas as grandes "league companhias" de Hollywood. Agora que os films falados-cantados e dansados abriram um novo campo aos artistas intelligentes, Shirley e Vi naturalmente continuarão a assignar os seus proprios cartões. Sobretudo depois da exhibição de "THE SHOOR OF SHOWS".

Como as suas carreiras, que mostram estranhos entrelaçamentos, assignalam-se nas vidas de Shirley e Vi acontecimentos dramaticos muito semelhantes. Ambas perderam os seus primeiros maridos de morte repentina. Muita gente se recordará ainda de John Collins, bello e joven irlandez, director na Metro. Era o primeiro marido de Viola Dana e succumbiu na grippe em 1918. Bernard Durriong, outro filho da Irlanda, que se encaminhava excellentemente como director tambem na companhia William Fox, arrebatado pela morte em 1923, era o primeiro marido de Shirley Mason. Ambos esses rapazes eram muito populares em Hollywood. Em 1922 chegou a vez de sua mãe, a Sra. Flugrath, que as acompanhára com devotado carinho atravez do seu accidentado caminho de mocinhas no palco e na téla. Muito se tem escripto a respeito do devotamento de uma infinidade de mães de artistas da téla, mas está ainda por narrar a historia do immensa que fizeram as Sras. Flugrath e Gish pelo exito de suas filhas, ao mesmo tempo que se conservavam discretamente na penumbra.

Hoje nós encontramos Vi um tanto triste ante as cinzas do seu romance com Maurice "Lefty", o campeão footballer de Yale, que teve uma breve carreira na téla. Vi e Lefty, foram dois esposos felizes durante 4 annos, mas em 1928 divorciaram-se.

Shirley é esposa feliz de Sidney Landfield, um escriptor de scenario de raro talento, contractado pela Fox Film.

Dramas da Mocidade

(FIM)

TA se reanimava graças aos esforços do genial medico. E este que não trepidara nem medira sacrificios para salvar-lhe a vida — não mediu tambem esforços para salvar a alma do filho daquella tentação maldita — milagre que realizou para felicidade de WYN e de MURIEL que acabou triumphando!...

BARROS VIDAL

(Especial para "CINEARTE").

CHRONICA

(FIM)

sul, centro em vez de fazer a mesma copia irreconhecivel ao cabo de algumas semanas passar durante annos ás vezes pelos cinemas de todo o paiz?

Creio bem que os lucros que os pequenos exhibidores tem dado as empresas locadoras justificariam bem essa melhoria de processos que está se impondo a olhos vistos.

O que vim de observar em ligeira excursão pelo nosso "hinterland" é a cousa mais deploravel que tenho visto em materia de exploração cinematographica:

E é em nomes desse publico do interior, tão sacrificado, que esta revista levanta o seu protesto, que deve encontrar acolhimento dos responsaveis por esse estado de cousas.

A Western Electric já installou seus apparelhos em 2718 Cinemas dos Estados Unidos.

Já foi iniciada em Universal City a filmagem de "Out To Kill" de Joseph Schildkraut e Barbara Kent sob a direcção de John Robertson.

Rupert Julian e Reginald Barker foram contractados para dirigir na R. K. O.

Lila Lee terá a desdita de ser a heroina de um tal Don José Mojica no seu primeiro "talker" para a Fox. Esse zinho é da opera "yankee" e o typo mais antiphotogenico possivel.

Uma irmã de Lois Wilson trabalha sob a bandeira do First National com o nome de Connie Lewis.

As ilhas Philippinas contam com 275 salões de exhibição.

Estrella ditosa

(FIM)

uma irmã, faz-lhe presente de um frasco de loção capillar, fazendo-lhe varias applicações, com o que lhe descobre uma queimadura de agua quente proximo do pescoço. Ia lhe applicar uma fricção geral, quando teve conhecimento que Mary estava proxima de completar desoito annos.

Desoito annos! Mulher! Toda uma seducção de carne nova e fresca, uma alma cantante de passaro livre, Eva na plenitude do seu poder de seducção!!...

Seu saber por que nem como, Timothy encarou-a de um modo estranho, sentiu um *que* de mysterioso, de indefinivel dentro de si.

Desoito annos! Ah!...

*
* *

Fez-lhe finalmente presente de uma barra de sabonete, uma barra de sabonete que parecia enserrar em si um pedacinho da sua alma, qualquer coisa de seu...

Estranhou-se.

Mary foi com o sabonete banharse no ribeiro.

. . . .

Durante aquelle outono magico das longas tardes pintalgadas de flocos de ouro, com os crepusculos ensanguentados e montanhas nimbadas de neve, só um unico desejo, um unico sonho domina Mary.

Dansar!

Oh!... os "dancing-hall"... as longas noites de alegria, sob a magia estonteante dos "jazzes" estrondosos... ou sob a caricia das phrases apaixonadas de um Romeu ardente, nos jardins, sob langor do luar... Ah, noites de poesia e de amor. Quando?

. . . .

Regando as suas plantas e, finalmente, acondicionando-as conforme instrucções de Timothy, Mary consegue melhores preços e, com o lucro obtido compra roupa nova.

Vae á casa de Timothy uma noite e pede-lhe licença para mudal-a no seu quarto, para evitar que a sua mãe soubesse. Ia afinal realizar o seu sonho dourado, ia dansar. Timothy, vendolhe a roupa aconselha-lhe a maior precaução quanto á sua mãe, a bondosa viuva, pois não era bom contrarial-a.

Mary Tucker partiu radiante de alegria, seductora e bella. No baile

encontra-se com "Big Boy", (o appellido de Wrenn). Dansam. Quanto tempo fazia que não se viam!... Oh... quantas recordações... aquella quadra longinqua do passado!... a linha telephonica... os matches de box... o leite... o nickel perdido.

Wrenn parecia outro, mais seductor, as suas palavras tinham um que de insinuante de dominador, de accentuadamente masculino... Sem saber por que Mary sente-se invadida de uma onda indivel de felicidade.

Wrenn! O "Big Boy"! Quem diria?!

Em casa, Timothy faz um esforço herculeu para andar, para libertar-se do peso daquella fatalidade enexhoravel e aniquiladora. Inutil! Pela primeira vez, como numa revelação a si mesmo, percebe que as suas relações com Mary deixavam de ser meras relações de amizade!... Amava-a, apesar de não passar de um pobre aleijado, vergado ao peso de um destino cruel, "uma metade de homem", no dizer da progenitora de Mary.

Essa verdade tortura-o e povoa-lhe a alma de uma aluvião de supplicios chinezes.

Amava e o Destino cruel erguia-se-lhe adiante como uma barreira intransponivel: "Não és digno de amor".

Pobre diabo!...

E, succumbido ao peso daquella dôr incommensuravel, resignou-se resolvido a recalcar para o seu intimo aquella paixão, suffocando-a, se possivel fosse.

Mary volta com Wrenn alegre e jovial como uma revoada hirundina. Emquanto ella troca a roupa no quarto de Timothy, Wrenn, confidencialmente, faz a revelação de um plano abjecto e revoltante. Um plano horrendo de villão, sem alma, destituido de nobreza. Timothy ouve-o indignado, com nojo, mas sente-se impotente na sua indignação. Nada podia fazer para detel-o! Os dois namorados partem. Wrenn vae á casa da mãe de Mary, conquista-lhe a confiança e as graças e suggere-lhe a idéa do seu casamento com Mary.

Unico sabedor dos planos de Wrenn, Timothy sente-se miseravelmente incapaz de obstar a realização da infamia, a fatalidade cruel tortura-va-a assim da maneira mais humilhante.

Na vespera de Wrenn conduzil-a, Mary vae á casa de Timothy, que a esperava. Indifferente aos projectos de sua mãe, Mary faz Timothy prometter erguer-se, usando as suas pernas naquella "occasião especial".

Durante uma longa noite de insomnias, Timothy num esforço sobrehumano, tenta subrepujar-se a si mesmo. É uma luta indescriptivel em que o homem tenta torcer o proprio destino, num embate surdo e anonymo, em que a força de vontade aliada ao amor operam prodigios inauditos de tenacidade inutil. Vezes sem conta Timothy se ergue, frontes vincadas, suarentas, cabellos em desalinho, bocca escancarada num *ritus* de tragedia, offegante, e projecta-se ao chão miseravelmente, na mais horrendas das decepções. Antes de partir Mary ia lhe falar, mas á ultima hora surge a sua mãe que a manda apressar-se, porquanto Wrenn já a esperava no trem.

Após a luta indescriptivel, Timothy, offegante, consegue arrastar-se através da neve, subindo o morro de onde cahiu, rolando para o caminho de ferro.

Mary corre e, no auge da commoção, abraça-o. Wrenn aborrecido aparta-os com manifesta hostilidade.

Como num milagre, sob o influxo daquella paixão insopitavel, Timothy

reconquista o uso das pernas e, diante de todos os circumstantes, numa arrancada de an'mal ferido, allucinado, medonho, temporas latejantes, faces contrahidas numa expressão grotesca, pinçha-se ainda meio cambeteante sobre o adversario, numa luta feroz, que se prolonga violenta alguns segundos.

O monstro de aço silvou estrepitosamente; as rodas moveram-se no primeiro impulso. Quando os ultimos carros passavam, Timothy, no ultimo golpe violento atirou o adversario na plataforma de um carro, embarcando-o.

E... os amantes confundiram-se num abraço — o classico abraço dos romances de amor e dos films cinematographicos, longos, com beijos chuchurreados, ardentes...

De Bello Horizonte

(FIM)

Não parece que desse escuro seculo XV illuminado pela trajectoria de luz da Santa de Domrémy surgiram outra vez, com a mesma vida de antanho, a protogonista e os actores da tragedia de Ruão?

Tal é a originalidade dos apanhados, a selecção e a soberba apresentação dos typos escolhidos, a interpretação unica de Mlle. Falconnetti, que, no decorrer do film, o espectador, arrepiado, chega a duvidar se está assistindo a uma representação ou se está vendo, por meio de alguma projecção do planeta Venus ou por outro qualquer impossivel milagre, a propria realidade.

Todo o inicio, com as primeiras inquirições, as expressões indizivelmente rapidas e pugazes, ora de raiva, ora de malicia, ora de serenidade, ora de diabolica perversidade do bispo Cauchon e de seus companheiros martyrizando a pobre camponeza — e jogo das commoções no sobrehumano olhar e na physionomia de Joanna — qundo, enganada pelo ardil da carta falsa do Rei, ella confia num dos frades e, a cada resposta consulta-o com o olhar — a ult'ma resposta, no momento em que o frade desvia os olhos e ella, afflicta, não sabe para quem appellar, a quem pedir auxilio — a sua alegria quando lhe promettem a communhão, o seu desespero quando tornam a negal-a — a estranha expressão de compaixão que assoma ao semblante dos juizes para vencer a abstinada resistencia de Joanna — o

dialogo que precede a confissão da Santa, o olhar e as feições do frade que, por fim, a ampara — são scenas, são sequencias que confundem a gente pelo seu insuperavel poder. Ao lado dellas nada resiste de tudo quanto se fez até hoje em cinema.

Aquelle espantoso meio de mostrar um soldado inglez apanhado as "massas de armas" que um companheiro lhe atira da janela da torre é o melhor exemplo da sapiencia de Carl Dreyer nas movimentações de machina, na parte material da confecção.

É um film que marca uma época, um film cuja arte difficilmente será superada, um film da mais alta classe, da classe mais perfeita...

... Entretanto, hontem, dia de sua exhibição, a sala do Cienma Gloria estava quasi vasia. E das pessoas que lá estavam, quantas terão gostado? Algumas sahiram antes do fim... Em toda a parte, o publico é sempre o mesmo...

BOLES.

O Que se Exhibe no Rio

(FIM)

Al Jolson é o peor artista de cinema do mundo. Elle nunca que poderia fazer o papel que tem aqui. Elle parece mais velho do que Eugenie Besserer e Warner Oland, que fazem

os papeis de mãe e pae, respectivamente. Warner Oland devia desistir de apparecer na tela depois do trabalho que tem aqui. Só mesmo, a incompetencia de um Blan Crosland o faria tão leslocalo. Eugenie Besserer está ridicula. Que pena eu tive de Mary Mc Avay.

Cotação 3 pontos

P. V.

Rosa da Irlanda

(F I M)

já e o consegue com o esforço individual. Ha annos passados, quando ainda garota, trabalhava, para se manter, com as mãos, num escriptorio já nossos conhecido. Rebellou-se. Aspirava algo melhor, mais commodo e, sobretudo, mais brilhante.

Occorreu-se a primeira transição e o palco veiu ao seu encontro.

As suas palavras induzem-nos crer na existencia de uma luta travada entre ella mesma e a sua alma. A sua alma vivaz, caprichosa e prespicaz.

A politica interna dos *studios* parece não preoccupal-a absolutamente. Sente-se senhora de si mesma como que consia do seu valor. Sabe bem o que quer e tem o senso infalivel das opportunidades. É nisso que pauta a sua actuação na luta pela vida.

As suas palavras revelam apenas a maior insubordinação, que consiste em rebellar-se o individuo contra si mesmo, a sua *psyché*.

Nancy continúa sendo sempre a irlandezinha loura, vivaz aguerrida com um sangue bohemio e sempre jovial a percorrer-lhe as veias, voluntariosa, como o são todas as individualidades fortes .Tem o fetichismo do amor e sente a alegria de viver. Basta para ser feliz.

O novo film de Carlito

(F I M)

era fazer alguem musicar um film com themas conhecidos e confiar que o organista fosse capaz de executal-os. E você sabe o que acontecia nas cidadezinhas de provincias: as high-school girls tocavam o que lhes dava na fantasia e, de ordinaria, na mais perfeita desharmonia com a acção da tela.

"Agora, entretanto, podemos determinar absolutamente a musica, e como ella faz parte da projecção mecanica, ninguem poderá alteral-a, e nos menores cinemas ella será ouvida com a mesma perfeição que no Roexys.

"Isso para mim é uma grande coisa e embora não faça eu uso do dialogo no meu film, você ha de verificar, penso eu, que o acompanhamento musical dará como "som" satisfação a todas as espectativas.

"Devo dizer mais que não me sirvo de musicas popularizadas; a minha musica é toda ella original, tão original quanto o film, pois que *o meu film é inteiramente escripto por mim.* Elle vae sendo musicado e orchestrado a medida que o vou produzindo, e cada movimento e cada gesto é acompanhado pelo seu thema musical proprio.

"Sim, eu tenho uma "cançãothema", mas que não se produz na fórma usual. Nenhum dos personagens canta. No meu papel de *Charlie,* ouço-a pela primeira vez num disco de phonographo. O seu titulo é dado pelo proprio disco — *Wondrous Eyes,* por *Charles Chaplin.*

A canção se grava fortemente no meu espirito, de maneira que quando mais tarde me apaixono pela raparipuinha cega, sempre que ouço *Wondrous Eyes* tocado pelas musicas ambulantes de rua ou nos dancings, isso tem para mim uma significação profundamente dramatica. Effectivamente, através de todo o film a musica e o canto tornam-se como que um fundo de apoio para a acção quasi tão importante como a propria pantomima!

Charlie proseguiu depois a descrever-me alguma das "sensações" musicaes que elle não deseja divulgar por emquanto, mas que serão um novo e sensacional desenvolvimento desse perfeito casamento de antes.

Eu creio que descobri algumas coisas das mais engraçadas que jamais realizei, e estou convencido de que esse film representará no genero musicado a novidade que o publico reclama. O meu unico receio está na estrondoante publicidade que se fez em torno da minha producção. O meu fito é entreter e divertir. Não me proponho a subtilezas. Procuro ser engraçado, fazer rir. Os pedantes estão na espectativa e contam com subtilezas.

"Não pensa que estou evitando o dialogo, por questão de receio pessoal. Trabalhei varios annos no palco do

(*Termina no proximo numero*).

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 annos, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia. como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada. com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037 Officinas: Villa 6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pel~ Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

O Crime do Studio

(F I M)

Era já noite. O portão da Eminent Pictures, fechado, era guardado por um pittoresco porteiro muito amigo de anecdotas. Mac Donald, o guarda, pae de Helen a "extra" e de Ted, o "chauffeur", rondava, ali, por perto. A passos ligeiros approximou-se do portão Tony White, autor dos dialogos comicos do novo film da Eminent Pictures. Apaixonado pela encantadora Helen, tinha conseguido fazer-se seu noivo, sendo porém, mais tarde,

(*Termina no proximo numero*).

Officinas Graphicas d'O MALHO